

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
MESTRADO DE PSICOLOGIA

**CONDIÇÕES DE EXPERIMENTAÇÃO INFERENCIAL PARA INVESTIGAÇÃO
DOS EVENTOS PRIVADOS**

André Vasconcelos da Silva

Goiânia-GO, 2001

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
MESTRADO DE PSICOLOGIA**

**CONDIÇÕES DE EXPERIMENTAÇÃO INFERENCIAL PARA INVESTIGAÇÃO
DOS EVENTOS PRIVADOS**

**André Vasconcelos da Silva
Orientador: Lorismário Ernesto
Simonassi**

Dissertação apresentada ao Mestrado de Psicologia da Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Goiânia-GO, 2001

Essa dissertação de Mestrado foi avaliada pela seguinte comissão examinadora:

Prof. Lorismario Ernesto Simonassi, Dr.
Universidade Católica de Goiás

Prof^ª. Ângela Maria Menezes Duarte, Dr^ª.
Universidade Católica de Goiás

Prof. Roberto Alves Banaco, Dr.
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Prof^ª. Sonia Maria Mello Neves, Dr^ª.
Universidade Católica de Goiás

Recebendo da comissão o conceito de APROVADO.

Para o meu pai e minha mãe que sempre me apoiaram e se sacrificaram por mim

Para o Prof. Lorismario Ernesto Simonassi que contribuiu para minha formação intelectual ao longo de todos estes anos

Para a Andrea que me acompanhou nesta empreitada

Agradeço, com apreço e afeto,

Ao meu orientador Prof. Simonassi que me aceitou e criou as condições para a realização deste trabalho.

Ao Prof Weber Martins, por ter me ajudado na criação do programa.

Ao Prof. Roberto Banaco, Emanuel Tourinho e Ângela Duarte, pelas sugestões oferecidas.

À Prof. da Carolina Lampreia e ao Prof. João Cláudio Todorov pelas considerações e disponibilidade intelectual.

À Professora Denise e ao Professor José Maria Baldino pelas condições de trabalho proporcionadas.

À incomparável Aluizete pelo apoio oferecido quando tive que me dedicar à dissertação.

À Sandra Lúcia (“*chefinha sandrão*”) e Carla Baylão (“*chefinha*”) pelo apoio e socorro nos momentos críticos.

Ao Luizinho, Suélia, Sisinha, Josi, Eva, Gianini, Glauco e Eduardo por criar condições adequadas no trabalho quando eu tinha que me dedicar à dissertação.

Ao grande Lennin Francis, Cláudio Herbet, Cristiane, Renato, Andréia, Carolina, Paula Virginea, Elizangela e Luciane Reis pelo singelo apoio disponibilizado durante a coleta de dados.

Ao dedicado Uelinton e à prestativa Camila pelo apoio operacional ao longo deste período

Às professoras Elisa Sanábio, Ilma, Cida Menzes e o grande irmão Lauro pela amizade e disponibilidade de ter me ouvido durante a feitura do trabalho.

Aos meus pais, à Michelle Vasconcelos, Kleber da Silva, Andréa Leão e Sandra Leão pelo auxílio oferecido nos momentos de dificuldade.

À Rosa Maria pela revisão dos escritos.

Aos participantes, que sem eles não se teria realizado os experimentos.

ÍNDICE	Pág.
Dedicatória	i
Agradecimento	ii
Índice	iii
Lista das Tabelas	v
Lista das Figuras	vi
Resumo	viii
Abstract	xi
Introdução	01
Orientação mentalista	01
Orientação behaviorista	02
Skinner e a natureza dos eventos privados	04
Skinner e a análise dos eventos privados	05
Skinner e a topografia dos eventos privados	08
Eventos privados e sua relação com situações de resolução de problemas	10
Os eventos privados e a comunidade verbal	12
Objetivos do estudo	19
Experimento 1	21
Método	21
Participantes	21
Material	21
Procedimento	22
Resultados	32
Discussão	36
Experimento 2	40
Método	40
Participantes	40
Material	40
Procedimento	40
Resultados	51
Resultados da Sessão 1	51
Resultados da Sessão 2	54
Discussão	62

Discussão Geral	67
Referências Bibliográficas	71
Anexo 1 . Modelo de Descrição Tipo E1.CA	78
Anexo 2 . Modelo de Descrição Tipo E1.RND	79
Anexo 3 . Modelo de Descrição Tipo E2.CP	80
Anexo 4 . Modelo de Descrição Tipo E2.CA	81
Anexo 5 . Modelo de Descrição Tipo E2.RND	82

LISTA DE TABELAS

	Pág.
Tabela 1. Percentagem de ocorrência dos tipos de relatos apresentados nas etapas da Fase 2, pelos grupos Relato a Cada Sim e Relato ao Final.	33
Tabela 2. Número de blocos de oito acertos consecutivos apresentado pelos participantes dos grupos Relato a Cada Sim e Relato ao Final nas fases do Experimento 1, em relação às categorias de resolução do problema.	34
Tabela 3. Tentativa em que ocorreu o primeiro Sim e a descrição das contingências na fase Treino, para os grupos Relato a Cada Sim e Relato ao Final, do Experimento 1.	35
Tabela 4. Apresenta a percentagem de ocorrência das regras de seguimento apresentadas pelos participantes nas etapas da Fase 1.	52
Tabela 5. Número de blocos de oito acertos consecutivos apresentados pelos participantes do Experimento 2 nas fases da Sessão 1, em relação às categorias de resolução do problema.	53
Tabela 6. Percentagem de ocorrência dos tipos de relatos apresentados nas fases da Sessão 2, pelos grupos Relato ao Final e Relato a Cada Sim.	55
Tabela 7. Número de blocos de oito acertos consecutivos apresentado pelos participantes dos grupos Relato a Cada Sim e Relato ao Final nas fases da Sessão 2 do Experimento 2, em relação às categorias de resolução do problema.	57
Tabela 8. Tentativa em que ocorreu o primeiro Sim e a descrição das contingências na fase de Treino da Sessão 2, para os grupos Relato a Cada Sim e Relato ao Final. A descrição das contingências tiveram seu conteúdo analisado a partir das Sessões 1 e 2.	58

LISTA DE FIGURAS

	Pág.
Figura 1. Situação experimental adotada no Experimento 1. Composta de três fases.	24
Figura 2. Situação experimental utilizada nas fases do Experimento 1.	26
Figura 3. Contingências programadas nas fases do Experimento 1.	28
Figura 4. Configuração da tela que foi utilizada para obter as respostas de informação.	30
Figura 5. Esquema ilustrativo das sessões do Experimento 2.	41
Figura 6. Situação experimental utilizada nas fases da Sessão 1 do Experimento 2.	42
Figura 7. Contingências programadas para as fases da Sessão 1 do Experimento 2.	45
Figura 8. Configuração da tela de solicitação da descrição adotada na fase de Treino da Sessão 1, do Experimento 2.	47
Figura 9. Percentagens de acertos apresentadas pelos participantes do grupo Relato ao Final nas três fases da Sessão 2. O círculo representa percentagens de acertos referentes à contingência da Sessão 2, o triângulo percentagens referentes à contingência da Sessão 1 e o quadrado referente a outras contingências não utilizadas no experimento. As setas indicam aproximadamente a tentativa em que ocorreu o primeiro Sim e a que contingência a descrição se correlaciona.	60
Figura 10. Percentagem de acertos apresentada pelos participantes do grupo Relato a Cada Sim nas três fases da Sessão 2. O círculo representa percentagens	

de acertos referentes à contingência da Sessão 2, o triângulo se refere a contingência da Sessão 1 e o quadrado se refere a contingências não utilizadas. As setas indicam aproximadamente a tentativa em que ocorreu o primeiro Sim e a que contingência a descrição se correlaciona.

RESUMO

Skinner em 1945 estabeleceu condições para se investigar os eventos privados. Na tentativa de se verificar a eficácia de procedimentos e experimentações que estabelecem correlações dos eventos privados com respostas verbais e dispor condições de uso do termo evento privado, realizou-se dois experimentos. O Experimento 1, objetivou verificar a correlação dos relatos verbais públicos indicativos dos eventos privados, Resposta de Informação, com comportamentos públicos: Descrição das Contingências e Resolução do Problema. Participaram do experimento oito alunos universitários sem história experimental que foram submetidos a três fases experimentais: Linha de base, Treino e Extinção. Na fase de Treino os participantes foram distribuídos em duas condições que disponibilizavam diferentes possibilidades de descrição das contingências: a) condição Grupo Relato a Cada Sim e b) condição Grupo Relato ao Final. Nas fases Linha de base e Extinção registrou-se as respostas de descrição das contingências e de resolução do problema e, na fase Treino, adicionou-se o registro das respostas indicativas dos eventos privados. Observou-se que as Respostas de Informação correlacionavam-se às Respostas de Descrição, porém não foi possível detectar correlação com as Respostas de Resolução. Não foi possível inferir neste experimento quais os eventos privados participaram da cadeia comportamental, devido a impossibilidade de se verificar correlações. O Experimento 2 objetivou verificar o efeito de contingências prévias de reforçamento sobre a correlação existente entre as Respostas de Informação e os comportamentos de descrição e resolução. Participaram cinco alunos universitários sem experiência prévia em experimentos de condicionamento operante. Os participantes foram expostos a duas sessões: a Sessão 1, que estabeleceu correlação entre Respostas de Descrição da contingência e as Respostas de Resolução; e a Sessão 2, semelhante ao Experimento 1, incluindo na distribuição dos participantes nas condições de relato. A Sessão 1 diferiu da Sessão 2 basicamente nas contingências, em que na Sessão 1 os estímulos discriminativos utilizados foram letras e na Sessão 2 foram palavras. Os resultados permitem observar que as respostas de informações correlacionaram-se à descrição e resolução da Sessão 1, quando os participantes não estavam sob o controle da contingência da Sessão 2, e posteriormente passaram a se correlacionar às contingências da Sessão 2, quando ficaram sob controle destas mesmas contingências. Isso para condição do Grupo Relato a Cada Sim. Para a condição Relato ao Final se inferiu acerca da relação de comparação estabelecida entre os desempenhos de Descrição e Resolução dos participantes de ambas as condições. Com isso, os experimentos possibilitaram inferir sob quais condições podem-se detectar correlação entre eventos observáveis e os eventos privados.

Palavras-chave: Acessibilidade; evento privado; comportamento verbal.

ABSTRACT

Skinner outlined the conditions to inquire into private events in 1945. Two experiments were conducted to determine the efficacy of experimental procedures, which set up correlations between private events and verbal responses, and to dispose of usage conditions of the term “private event”. The aim of the Experiment 1 was to investigate the mutual relations between verbal reports indicating private events and public behaviors (description of contingencies and problem solving). Eight undergraduate students without any previous experimental history were exposed to three experimental conditions: Baseline, Training and Extinction. The contingencies description reports and problem solving responses were recorded in each experimental condition. Nevertheless, in the Training condition, the responses indicating privacy (informative responses) were registered as well. Correlation between informative responses and description responses was established. In spite of it, any correlation involving problem solving responses could not be observed. The purpose of the Experiment 2 was to verify the effect of previous reinforcement contingencies upon the inter-relation between public behaviors and informative responses. Five undergraduate students without any previous experimental history of instrumental conditioning were exposed to two experimental sessions. In the Session 1, correlation between contingencies description responses and problem solving responses was established. The Session 2 was similar to Experiment 1, but the contingencies arrangement was not the same used in the Session 1. Data analysis showed correlation between informative responses and description and problem solving responses in the Session 1, when the participants responses were not under contingency control of the Session 2. Moreover, when the responses were under contingencies control of the Session 2, they were related to them. The experiments 1 and 2 provide empirical evidencies of the correlation between observable events and private events. The results of both experiments also give consent for the establishment of experimental usage conditions of the term “private event” by means of controlling variable detection.

Key-words: Accessibility; Private Event; Verbal Behavior.

A psicologia como ciência, ao longo de sua história, tem-se preocupado com a definição e a influência dos estados mentais nos comportamentos dos indivíduos. Uma das primeiras tendências teóricas que buscou investigar, definindo e detectando, a influência dos estados mentais pode ser compreendida, segundo Skinner (1945, 1969), como o enfoque teórico de orientação mentalista.

Orientação mentalista

A orientação mentalista salienta a existência de dois mundos psicológicos. O primeiro mundo seria o corpóreo, o qual é constituído pelas ações motoras apresentadas pelos indivíduos e por toda estrutura neuro-fisiológica envolvida nos comportamentos. O outro mundo possui caráter especial, que seriam os próprios estados mentais, discutidos como a consciência e a introspecção (Skinner, 1969; Baum, 1994/ 1999; Matos, 1997).

Os estados mentais, segundo a orientação mentalista eram metodologicamente analisados pela introspecção. Além do mais, atribuíam-se aos estados mentais o caráter causal dos comportamentos. Nesta orientação, a introspecção, um tipo de percepção interna, apresentou-se como instrumento para a investigação de conteúdos vivenciados pelos indivíduos. (Herrnstein e Boring, 1966/ 1971, Myers, 1998).

A introspecção ao ser utilizada como instrumento de investigação possibilitou aos psicofísicos o estudo da consciência (Herrnstein e Boring, 1966/ 1971). A consciência seria uma estrutura que se encontra dentro do organismo e que possui caráter de determinação dos comportamentos. Os estados corpóreos e os comportamentos são experiências que a consciência já os havia representado. Alguns

dos divulgadores desta teoria incluídos são Weber, Fechner (Herrnstein e Boring, 1966/1971), Wundt e Titchner (Matos, 1997; Day, 1976/1992).

Segundo Ryle (1984), ao se discutir a orientação de caráter mentalista, define-se a consciência das coisas como a cópia das coisas experienciadas em situações específicas, ou seja, quando uma pessoa sonha ter visto um dragão, acredita-se que haja um conhecimento, uma consciência, previamente estabelecida na estrutura de visão da pessoa da existência do dragão. A consciência seria um elemento constante e inato na vida das pessoas e para sua ocorrência, não necessitaria ser captada por atos especiais de atenção.

A introspecção seria, por outro lado, o instrumento de percepção interna que possibilita a investigação da consciência. Este instrumento seria uma operação de atenção especial que só se executa ocasionalmente (Ryle, 1984). Por exemplo, quando uma pessoa se senta em frente a uma tela de Picasso e passa a contemplá-la, após um período de tempo, esta pessoa chora. Aos observadores externos, que estejam próximos da pessoa, não é possível acessar o motivo, ou os motivos, que a levaram a chorar, porém para a pessoa que se emocionou é viável acessar o (s) motivo (s), depende sim se ela irá fazê-lo ou não. Portanto, esta pessoa estará acessando, mediante a observação introspectiva, a consciência.

Orientação behaviorista

Em oposição à orientação mentalista, tem-se a orientação empírica e filosófica representada por Watson (1913) e Skinner (1945): o behaviorismo. A orientação do behaviorista watsoniano diverge em alguns aspectos da skinneriana frente à análise que a ciência psicológica do comportamento deve tomar com relação aos

estados mentais (Chiesa, 1994). Porém, ambas perspectivas de behaviorismo divergem do enfoque da orientação mentalista, assunto a ser desenvolvido a seguir.

O manifesto de Watson (1913) serviu de alerta à comunidade científica e filosófica de que a orientação mentalista, ao discutir os estados mentais, o fazia de maneira a apresentar problemas com a definição e com o instrumento de coleta de dados.

Watson ao combater a posição mentalista destacou a característica circular que se dava ao estudo dos estados mentais. Segundo Watson, a introspecção não seria um instrumento confiável à psicologia e ao estudo dos estados mentais, pois não possibilita a replicação dos resultados obtidos, ou melhor, a verificabilidade das informações que se obteve com a introspecção. E mais, se a introspecção é o instrumento de observação perceptória que garante ao indivíduo acesso às representações vivenciadas ao longo de sua vida, a introspecção teria também que possuir características representativas da consciência que se observava. É com base neste solipsismo que Watson combate e refuta a introspecção como instrumento de observação. A introspecção seria, segundo Watson, a própria consciência.

Portanto, as críticas estabelecidas à posição mentalista foram ao instrumento utilizado para acessar o estado mental de consciência das sensações vivenciadas, e não à existência dos estados mentais. Para Watson, a ciência do comportamento não possui ferramentas eficazes para a viabilização do consenso público entre os observadores e, por isso, deve-se abandonar da proposta psicológica o estudo dos estados mentais (Watson, 1913; Skinner, 1969, 1974).

Em oposição à perspectiva watsoniana, Skinner (1945) apresenta uma concepção de behaviorismo que viabiliza o estudo dos estados mentais. A perspectiva skinneriana acerca dos estados mentais, ou como o próprio Skinner (1945, 1957, 1965,

1969, 1974) especifica o *mundo dentro da pele* ou os eventos privados, é que podem fazer parte do foco de investigação da ciência psicológica do comportamento, porém três aspectos devem ser revistos para que se possa investigar cientificamente tais eventos: a) questões referentes à definição e à natureza dos estados mentais (aqui verificar-se-á a necessidade de se adequar o termo evento privado ao de estados mentais), b) forma de análise a ser utilizada com os termos em relação aos estados mentais e c) a forma de se explicar a linguagem utilizada, abandonando a linguagem em termos de uma teoria de referencial do significado por uma pautada na concepção pragmática (Tourinho, 1990).

Skinner e a natureza dos eventos privados

Como visto na orientação mentalista os estados mentais seriam fenômenos de caráter privativo, ou seja, são eventos que só são acessíveis aos indivíduos que experienciam a realidade; por outro lado, estes eventos não são acessíveis a mais de uma pessoa observadora mesmo que estas estejam presentes para a pessoa que se pretende conhecer os eventos privados (Baum, 1994/ 1999). O ponto crucial que foi destacado pelo enfoque mentalista diz respeito à natureza destes eventos, que seria metafísica. Tal natureza propiciou um número de leis e regras científicas para o estudo do mundo metafísico (Herrnstein e Boring, 1966/ 1971).

Skinner (1945, 1969, 1974), por outro lado, não atribui caráter especial aos eventos privados. Segundo Skinner os eventos privados seriam eventos pertencentes ao mundo natural. Portanto, ao contrário de possuírem leis próprias, como propõem os mentalistas, possuem as mesmas leis dos eventos que são passíveis de observação pública, os eventos públicos. Os eventos privados seriam fenômenos físicos, naturais, de acesso restrito aos corpos nos quais ocorrem. E não como apresentado pela orientação

mentalista, que para acessar os eventos privados se faz necessária estrutura especializada, ou seja, o acesso para a orientação mentalista é um processo privilegiado.

Desta forma, verifica-se a necessidade de adotar o termo evento privado, ou mundo dentro da pele, no lugar do termo estado mental. O termo estado mental apresenta concepção conteudista e fundamentada na noção metafísica dualista de mente e corpo, ao contrário da concepção utilizada no termo evento privado, onde compreende-se não mais uma distinção mente e corpo, mas sim, entre privado e público (Tourinho, 1995).

Skinner e a análise dos eventos privados

Os eventos privados por serem, segundo Skinner (1945), compreendidos como eventos naturais, ou seja, constituídos de dimensões físicas, são passíveis de investigação como os eventos publicamente observáveis. No caso do behaviorismo skinneriano, a contingência tríplice é ferramenta de investigação que possibilita a análise interacional das interações do organismo com o ambiente.

A contingência é o instrumento conceitual para especificar a interação entre organismo e ambiente. Esta especificação consiste na identificação de variáveis ambientais das quais o comportamento é função. Ao buscar estas variáveis ambientais, pode-se adotar o conceito de contingência tríplice. Esta contingência permite especificar quais variáveis ambientais presentes e passadas, relativos aos eventos antecedentes e conseqüentes, que se estabeleceram como condições para que determinada resposta produzisse mudanças. O uso da contingência permite, portanto, especificar a funcionalidade existente entre eventos ambientais antecedentes (estímulos discriminativos), respostas e estímulos conseqüentes (estímulos reforçadores ou punitivos).

De posse do instrumento conceitual, a contingência, a análise relacional dos eventos privados passa a ser uma descrição da determinação funcional das variáveis externas e internas em relação aos comportamentos públicos. Já os comportamentos públicos podem ser relacionados aos eventos privados, podendo, assim, ser acessíveis ou não à observação da comunidade, ou melhor, do ambiente social (Skinner, 1953, 1957, 1969, 1974, 1989; Tourinho, 1999). Não se pode esquecer de salientar que a análise dos eventos privados abandonou o viés mentalista apresentado pelo materialismo reducionista, haja vista a possibilidade de se ter respostas e estímulos “sob a pele”, como visto em escritos de Skinner (1965).

Para análise dos eventos privados, a contingência possibilita detectar os tipos de controle específicos exercidos pelas variáveis determinantes do comportamento humano. E estas variáveis podem ser externas (ex. estimulação exteroceptiva) como interna (ex. estimulação interoceptiva e proprioceptiva) ao organismo (Skinner, 1965).

Os eventos privados, que podem ser respostas e estímulos, são categorizados como pensar e como sentir. O pensar seriam comportamentos resultantes do fortalecimento operante e que ocorrem como respostas, e o sentir, estados corporais públicos ou privados que são controlados por estimulação próprio e interoceptivas (Skinner, 1965, 1974; Baum, 1994/ 1999)

Ao utilizar a contingência, pode-se analisar os dois tipos de eventos privados: comportamento modelado pelas contingências e comportamento governado por regras.

Entende-se por comportamento modelado pelas contingências, que o comportamento de um organismo, sob dadas condições, foi seguido por uma determinada consequência no passado e passa a ter a sua frequência alterada.

A análise dos eventos privados mediante a concepção de comportamento governado por regras, consiste em observar quando o comportamento de um organismo, sendo este um humano verbal, está sob o controle de estímulos verbais antecedentes que especificam as contingências que entraram em vigor (Skinner, 1957, 1969; Baum, 1994/1999; Catania, 1998/1999).

Skinner (1974) salienta que o acesso não indica que as informações obtidas sejam os eventos privados em si, pois os meios utilizados para o acesso dos eventos são sensíveis a contingências. A ação das contingências podem estar fortalecendo operantes que não correlacionem ao eventos privados. Por isso, a análise do acesso aos eventos privados depende da história de exposição às contingências ontogenéticas e culturais. Um exemplo das diferentes formas de acesso pode ser quando uma pessoa que está com dor de dente observa a dor e como a dor de dente é observada pelo cirurgião dentista.

De maneira geral, para a perspectiva skinneriana os eventos privados não são compreendidos como fenômenos mentais que determinam fenômenos físicos, são compreendidos como fenômenos físicos e, portanto, passíveis de investigação. Para se realizar esta investigação pode-se utilizar a contingência de três termos, que propicia uma análise de eventos comportamentais tanto públicos quanto privados.

Os eventos privados não são acessíveis à observação pública e a controles diretos, mas são passíveis de investigação científica. Porém, ao contrário dos eventos públicos, que são acessíveis à investigação empírica experimental direta, os eventos privados são viáveis de serem investigados mediante a experimentação inferencial e observação indireta (Skinner 1953; Tourinho 1995).

Skinner e a topografia dos eventos privados

Os eventos privados, por possuírem um caráter de fenômeno natural e serem também submetidos às leis dos eventos públicos, devem possuir alguma topografia. A análise da topografia dos eventos privados, para a perspectiva skinneriana faz-se pelas contingências.

Para Skinner (1945) eventos privados seriam eventos sentidos e/ ou produzidos pelo próprio indivíduo, porém em dimensões reduzidas. Mas estes eventos devem ser analisados como tem ocorrido: relatos verbais.

A problemática da topografia passa também pelo estabelecimento da possibilidade de se observar a si próprio e da viabilidade do relato em descrever o que de fato ocorre no mundo privado. Para Skinner o comportamento de relatar são respostas adquiridas pelos indivíduos em contingências organizadas pela comunidade. Desta maneira, Skinner define os eventos privados em termos da disponibilidade dos estímulos associados à resposta observacional. Se os estímulos estão disponíveis à comunidade os eventos são públicos. Se os estímulos não estão disponíveis para a comunidade mas somente para o indivíduo, então os eventos seriam privados.

[AVS1] Comentário: Lembrete : aqui devo conferir se bate com a discussão geral.

As respostas verbais contribuem para o acesso aos eventos privados, pois sem elas não seria possível à comunidade estabelecer ações específicas em relação ao indivíduo. Segundo Skinner (1945) os eventos privados têm dimensões físicas, sendo possível se especificar qual a topografia destes eventos.

Os relatos seriam respostas adquiridas e controladas pela comunidade verbal que dispõe as contingências de reforçamento. Com isso, a ocorrência de relatos não garante acesso efetivo aos eventos privados, e nem a certeza de que o relato apresentado é adequado para a compreensão dos eventos experienciados pelo indivíduo.

Sendo assim, o acesso aos eventos privados é indireto. E sendo indireto há a necessidade de fazer inferência sobre os eventos baseando-se em medidas observáveis. E as medidas podendo ser o relato verbal como respostas fisiológicas mensuradas. As inferências podem ser fundamentadas pelas comparações ponto a ponto entre os termos da contingência e os comportamentos de descrição das contingências e da resolução do problema, conforme demonstraram Simonassi, Oliveira Gosch, Vasconcelos-Silva, Mujali, Souza (1997). As descrições das contingências seriam relatos verbais que especificam propriedades das contingências nas quais indivíduos estão interagindo ou interagiram (Skinner, 1969; Hefferline, 1958; Rosenfarb, Newland e Howey, 1992; Nisbett e Wilson, 1977, Simonassi, 1997, Catania, 1998/ 1999)

A análise dos eventos privados envolve um caráter pragmático, pois, primeiro, se eventos privados internos não são detectáveis e não têm caráter de determinação, poderão ser investigados a partir dos aspectos constituintes da história de reforçamento e neste enfoque se observará o evento público. Outro aspecto é que ao se admitir os eventos privados como variáveis determinantes no processo de causação comportamental então deve-se observar e compreender a relação entre a manipulação de variáveis (precorrentes privados estabelecidos) e a emissão de respostas abertas. Com relação a este segundo tipo de operacionalização dos eventos privados, pressupõe-se que os eventos privados teriam efeito sobre a determinação de respostas abertas na situação problema.

Eventos privados e sua relação com situações de resolução de problemas

Quando um indivíduo se depara com uma situação e momentaneamente não dispõe de respostas de solução fala-se, segundo Skinner (1968, 1969, 1974), de situação

problema. Nesta situação problema quando o indivíduo apresenta as respostas que viabilizam a ocorrência de reforçadores na situação, fala-se de respostas de solução; quando o indivíduo apresenta um conjunto de respostas emitidas que aumentam a possibilidade de emissão de respostas de solução, fala-se de respostas de resolução.

Ao se estudar a solução de problemas deve-se levar em consideração a) que a resposta de solução já pode ter ocorrido, porém ainda não se estabeleceu a função de solução. Para tanto, b) deve-se observar estas respostas juntamente com as interações que antecedem o estabelecimento da resposta de solução, no caso a relação das respostas de resolução e a disposição das conseqüências (Moroz, 1991; Simonassi, 1997).

Na análise das interações que antecedem o estabelecimento das respostas de resolução, deve-se investigar os comportamentos precorrentes. Estes comportamentos lidam com manipulação pública ou privada de variáveis que, no caso de resolução de problemas, tornam mais prováveis o aparecimento de respostas de solução.

A manipulação de variáveis envolve modificação do ambiente, sendo do ambiente externo ou do próprio indivíduo, de modo a interferir na possibilidade de outros comportamentos abertos. Skinner (1968, 1969) salienta três diferentes situações em que podem ocorrer as manipulações de variáveis: a) quando mediante uma história de reforçamento o indivíduo adquire um dado repertório comportamental para situações específicas, com isso, o indivíduo dispõe da possibilidade de apresentar as respostas de solução ou não, fala-se aqui em autocontrole; b) quando as respostas já fazem parte do repertório comportamental de um indivíduo mas não é do conhecimento do indivíduo quais são as conseqüências determinantes; e, c) a manipulação de variáveis pode ser adotada para o estabelecimento de respostas que não fazem parte do repertório

comportamental, com isso garantindo o aparecimento de respostas que não foram identificadas antes de serem emitidas.

Para Skinner (1969), em situações problemáticas, o indivíduo manipulando as variáveis ambientais poderá rearranjar os estímulos de maneira a solucionar o problema, e este rearranjo poderá ocorrer de maneira pública ou privada, mas só será mantido ou extinto se se tornar resposta aberta.

Os eventos privados e a comunidade verbal

Os comportamentos alteram o meio, seja mediante ações mecânicas dispostas pelos organismos e os efeitos destas ações, ou seja mediante ações indiretas exercidas nestes ambientes. Fala-se dessa forma em comportamentos não verbais e comportamentos verbais.

Destacando-se os comportamentos verbais, estes seriam aqueles comportamentos que são afetados por seus efeitos nas pessoas, sendo outras (ouvintes) seja em si próprio - aqui Skinner (1957) apresenta o caráter mutável dos papéis: ser ouvinte e falante ao mesmo tempo (Baum, 1994/ 1999; Catania, 1998/ 1999). O comportamento verbal apresenta-se livre das relações espaciais, temporais e mecânicas que prevalecem entre os outros comportamentos e suas conseqüências não-sociais.

Com relação ao comportamento verbal, Skinner (1957) apresenta diversas categorias, a categoria que descreve aspectos e propriedades do ambiente por parte do falante poderia ser denominada de tato. Skinner definiu este comportamento como um operante emitido em certas condições específica antecedentes nas quais haveria o fortalecimento destes operantes.

O tatear seria uma das mais importantes categorias verbais por haver o controle único dos estímulos antecedentes. E este controle é estabelecido pela

comunidade verbal, que fortalece a relação da resposta verbal na presença dos estímulos antecedentes específicos. Conseqüentemente, o estímulo que antecede a ocorrência daquela resposta verbal adquire propriedades controladoras sobre a mesma resposta. Embora as conseqüências não definam esta categoria é a utilidade daquela resposta para o ouvinte, como forma de acesso indireto ao mundo, que garantirá a disponibilização de reforçadores. O fato de o tatear ser influenciado pelo reforçamento foi demonstrado experimentalmente, manipulando-se as contingências de reforçamento. Por exemplo, Ribeiro (1989) observou crianças pequenas que exibiam comportamentos de tatear que descreviam as situações nas quais se encontravam. O procedimento administrado às crianças envolvia dispor reforçadores aos relatos descritivos que especificavam que as crianças estavam brincando, independente delas estarem ou não brincando. Os resultados indicaram que os relatos passaram a ser controlados pelo reforçamento e não pelas condições antecedentes, diminuindo consideravelmente a correspondência entre os comportamentos relatados e os comportamentos ocorridos.

Os tatos também ocorrem, segundo Skinner (1957), para especificar os eventos privados, da mesma maneira que os fazem para os eventos públicos. Como visto anteriormente, os eventos privados devem ser tratados como eventos naturais e não metafísicos nas relações funcionais.

Contudo, a descrição dos eventos privados não é tarefa fácil de ser feita, tanto pelo falante quanto pelo ouvinte. A comunidade verbal que é responsável pelo ensino desta habilidade, não tem acesso direto a esses eventos. Hefferline, Keenan & Harford (1959), realizaram um experimento no qual os participantes deveriam relatar uma resposta fisiológica, de contração do músculo do polegar. Porém, a variabilidade dos relatos impossibilitou encontrar consistência nas descrições das respostas fisiológicas.

Os eventos privados podem ser especificados a partir de duas orientações: a) vista como relações funcionais que envolvem a discriminação de estimulação proprioceptiva e interoceptiva e b) respostas que ocorrem em escala reduzida e foram adquiridas e são mantidas pelo fortalecimento operante disposto pela comunidade verbal. Em ambos os tipos de orientação os comportamentos são de certa forma adquiridos pela relação dos indivíduos com o ambiente, no caso com a comunidade verbal (Skinner, 1957).

A comunidade verbal exerce uma função de seleção social dos comportamentos, dispondo conseqüências apropriadas ou as retirando. Os estímulos dispostos pela comunidade verbal podem ser analisados no seu aspecto funcional, ou seja, a) verificar as implicações que os estímulos produzidos por um organismo exerce em outro organismo, b) verificar como a observação de interações apresentadas por outros organismos influencia o observador e c) verificar como se dá a aquisição discriminativa de propriedades estimulatórias do próprio organismo (Catania, 1998/1999).

No caso dos eventos privados, a comunidade verbal influencia na aquisição tanto da discriminação própria e interoceptiva quanto na exteroceptiva. Skinner (1945) salienta quatro estratégias básicas de como a comunidade exerceria controle na aquisição de tais eventos. A primeira estratégia envolve o estabelecimento da correlação inferencial da estimulação exteroceptiva aos eventos privados internos; para a comunidade verbal que observa o organismo em questão, ao ver certa estimulação exteroceptiva, como o sangramento da criança após queda, a comunidade descreve prováveis respostas internas que estariam ocorrendo no organismo, ou seja, a comunidade verbal baseia-se em estímulos públicos associados a prováveis estímulos privados para dispor reforçamento adequado aos indivíduos em observação.

A segunda estratégia envolve o estabelecimento de correlação entre respostas colaterais públicas à prováveis estímulos internos. A comunidade ao observar certos padrões de respostas não verbais que ocorreram em uma dada situação, passa a inferir a partir desta a existência de estímulos internos, dispondo com isso reforçadores apropriados para se tatear os eventos privados. Por exemplo, após a queda de uma criança que andava de patins, os pais reparam que ela começa a mancar ao andar e dizem que deve estar doendo muito. O mancar seria uma resposta colateral e a inferência de dor feita pelos pais estaria relacionada à estimulação interna.

Na terceira estratégia, o indivíduo descreve o seu comportamento privado em função de estimulação interna. A partir do estabelecimento de correlações entre estímulos internos e estímulos externos os indivíduos descrevem propriedades dos estímulos internos na ausência da estimulação externa. Por exemplo, quando se necessita beber um remédio para controlar a alimentação (inibidor de apetite), a administração desta droga será por um período de tempo específico. Ao longo do tratamento o indivíduo passará a discriminar reações fisiológicas associadas ao horário específico para a ingestão do medicamento (Catania, 1998/ 1999).

A quarta estratégia envolve a relação de respostas públicas e eventos privados em que há uma conexão destas respostas à termos de uso da comunidade, e estes referindo-se aos eventos privados. Com base nas propriedades dos estímulos que coincidem, estabelecem-se analogias (termos verbais) e estas são reforçadas pela comunidade. Por exemplo, quando uma pessoa descreve as suas reações fisiológicas como *vibração, pulsação, visão ardente, explosão de raiva*.

Desta maneira, a descrição dos eventos privados nos permite constatar que a linguagem dos eventos privados é um produto social. E caso queira-se conhecer as condições de aquisição, e até mesmo de manutenção, deve-se investigar as condições

dispostas pela comunidade verbal que produziram e mantêm tais comportamentos. Por outro lado, a comunidade dispõe de contingências reforçadoras para eventos privados que supõe estarem ocorrendo, os eventos a serem reforçados por tanto, como disse Skinner (1945, 1957), são as auto-descrições.

Pode-se verificar que a orientação skinneriana propiciou à ciência da psicologia condições de investigação dos eventos privados, porém são poucos os estudos que têm abordado empiricamente a problemática dos eventos privados (Anderson, Hawkins, & Scotti, 1997; Tourinho, 1997). Um estudo que abordou a problemática da privacidade foi o desenvolvido por Simonassi, Tourinho e Vasconcelos-Silva (2001). Objetivou-se neste estudo verificar a efetividade de contingências programadas para tornar públicas respostas verbais precorrentes privadas, verificar a relação entre respostas verbais privadas e contingências programadas e a conseqüente probabilidade do comportamento sob controle de estímulos produzidos pela resposta privada ser positivamente reforçada.

Participaram deste estudo 64 alunos universitários que foram distribuídos nas condições Complexa e Simples. Utilizou-se um programa de computador que arranjava as contingências para uma discriminação simples. Este programa apresentou duas telas. A primeira tela continha três estímulos similares a cartas. Respostas à carta superior (resposta de observação) dispuseram na tela do computador uma letra ou número sobreposto. Respostas a uma das cartas inferiores (respostas de comparação) disponibilizaram a segunda tela, na qual constava instrução (transcrita adiante) para que o participante tocasse o estímulo SIM ou o estímulo NÃO, localizados abaixo da instrução (Resposta de Informação). Após cada tentativa da tarefa de discriminação simples solicitou-se Resposta de Informação e resposta de redigir sobre a resolução do problema.

Os resultados mostraram que a complexidade da tarefa não interferiu no caráter privado das respostas, mas as contingências sociais determinaram a natureza das respostas em públicas ou privadas. Verificou-se também que as Respostas de Informação não são preditivas das descrições das contingências em vigor.

O resultado do estudo de Simonassi e colaboradores possibilitou verificar a acessibilidade de comportamentos privados como função de contingências sociais, a circunstancialidade do caráter privado dos comportamentos, a possibilidade de “publicização” de comportamentos privados, a possibilidade de comportamentos privados participarem de processos comportamentais característicos da resolução de problemas. Os resultados descritos sugerem ainda que: a) a complexidade da tarefa não interfere no caráter privado das respostas; b) as contingências sociais produzem a “publicização” de respostas precorrentes na resolução de problemas, mas não são suficientes para produzir a efetividade destas respostas. A emissão de respostas descritivas precorrentes eficazes mostrou-se em função das contingências sociais associadas a uma exposição continuada às contingências programadas. A identificação da possibilidade de respostas descritivas incorretas acompanharem respostas informativas de disponibilidade de uma regra para resolução de problemas pode ser especialmente importante para estudos que usem respostas informativas na análise do desempenho dos participantes.

Objetivos do estudo

No intuito de propiciar condições conceituais e empíricas de estudo dos eventos privados, conforme Sundberg (1991), este trabalho teve como objetivo geral: 1) verificar a eficácia de procedimentos e experimentos para a operacionalização dos eventos correspondentes aos eventos privados e 2) verificar o estabelecimento de possíveis condições de uso do termo evento privado (Greenspoon, 1975; Ryle, 1984), sendo que as condições partiram da correlação entre as Respostas de Informação e de descrição das contingências e a participação dos eventos privados na cadeia comportamental.

Realizou-se, para tanto, dois experimentos onde, em ambos, manipulou-se a oportunidade de descrever as contingências e, no Experimento 2, submeteu-se todos os participantes a contingências prévias de reforçamento das respostas de resolução do problema. Foram três as variáveis dependentes de interesse neste estudo, a saber: a) o comportamento de resolução de problemas foi analisado a partir do número de blocos de oito acertos consecutivos relacionados às contingências de cada experimento; b) o comportamento de descrição das contingências, primeiramente, categorizou-se as descrições em relação às contingências (utilizadas e não utilizadas) nas sessões dos experimentos e, posteriormente, no estabelecimento de percentagens de ocorrência das categorias de descrição obtidas; c) as Respostas de Informação, que foram analisadas mediante a observação da tentativa em que os participantes emitiram a resposta de escolha à alternativa Sim e em qual tentativa apresentou-se a descrição da contingência utilizada no experimento (Simonassi et al, 2001).

O Experimento 1 teve, portanto, como objetivo específico: (a) verificar se há respostas de descrição das contingências e de resolução do problema nas fases do

experimento; e, (b) verificar a que contingências as Respostas de Informação se relacionam.

Ao submeter os participantes à contingências prévias de reforçamento, o Experimento 2 buscou verificar se: (a) as respostas de descrição das contingências e de resolução do problema que ocorreram na Linha de Base se relacionam à contingência prévia de reforçamento (Sessão 1, vide procedimento); e, (b) verificar se as Respostas de Informação se relacionam às contingências prévias ou atuais de reforçamento.

Experimento 1

Método

Participantes

Seis alunos de primeiro ano do curso de Psicologia da Universidade Católica de Goiás, de ambos os sexos e com' idade variando entre 17 e 23 anos, participaram do experimento. Cada participante ganhou até três pontos, em disciplina de Psicologia, pela participação. Além disso, tomaram parte em dois sorteios que ofereciam R\$ 50,00 cada.

Material

O experimento foi conduzido em uma sala com total isolamento acústico. Nesta sala havia um microcomputador, um monitor com tela sensível ao toque e uma impressora. O controle das contingências experimentais, o registro dos dados e a apresentação dos mesmos foram realizados por meio do programa *PRIVATE 2.0* (Vasconcelos-Silva, Martins & Simonassi, 2000). O programa randomizou a apresentação dos estímulos em blocos de oito letras ou palavras.

Este programa foi desenvolvido em linguagem *Visual Basic* e *C++*, incorporando figuras das bibliotecas *API* do *Windows* e alguns trechos em *Assembler*, utilizados para otimizar o código produzido. O programa é executável em micros *PC 486* ou *Pentium* com ou sem tela sensível ao toque. Utilizou-se também caneta, bloco com folhas de papel, urna para depósito das folhas e fichas para realização do sorteio.

Procedimento

O Experimento 1 foi dividido em três fases: a) Linha de Base, b) Treino e c) Extinção. A Figura 1 ilustra esquematicamente as fases nas quais os participantes foram submetidos a este procedimento.

O experimentador conduziu os participantes e convidou-os individualmente a sentarem-se em frente à tela do computador. Esclareceu-se que o estudo trataria de aprendizagem, não passaria por nenhuma situação desagradável, ocorreria em uma única sessão e que com a finalização seria mantido sigilo das informações obtidas.

Após os esclarecimentos pediu-se aos participantes para lerem a instrução da Fase de Linha de Base, que estava na tela do monitor do computador. A instrução usada foi a seguinte:

“Você está iniciando um estudo sobre aprendizagem. Nesta primeira fase, você deverá seguir as seguintes instruções. Na tela do monitor à sua frente, aparecerão três figuras: uma superior e central e duas inferiores e nas laterais. Sua tarefa será, inicialmente, tocar com a ponta do dedo a figura superior (de cor azul) e, em seguida, uma das figuras abaixo (de cor verde ou vermelha). Você não receberá nenhuma mensagem indicando se sua escolha foi correta ou incorreta. Após tocar as duas figuras lhe será solicitado que responda por escrito uma pergunta sobre a tarefa, e após responder à pergunta uma nova tela, com as figuras, será apresentada. Quando esta fase terminar você será avisado. Toque a tela para iniciar a tarefa.”

INSERIR FIGURA 1 APROXIMADAMENTE AQUI

A Fase de Treino foi iniciada logo após o término da Linha de Base com a apresentação da seguinte instrução:

“Nesta fase, a sua tarefa será como se segue: ao tocar as duas figuras, a superior e uma das inferiores, o computador informará se sua escolha foi correta ou incorreta. Se sua escolha for correta, o computador irá acrescentar 1 (um) ponto ao contador no canto superior à esquerda.

Tente acertar o máximo possível. Quando esta fase terminar, você será avisado (a). Toque a tela para iniciar a tarefa.”

Para a Fase de Extinção a instrução utilizada consistiu em: *“A sua tarefa consiste em tocar a figura superior e uma das inferiores. Nesta fase, porém, não será indicado se as escolhas foram corretas ou incorretas. Toque a tela para iniciar a tarefa.”*

Após a apresentação das instruções de cada fase e tocar a tela iniciou-se a tarefa. A tarefa para todas as fases consistiu basicamente em tocar com a ponta do dedo dois de três *locais* de interação que apareceram na tela do monitor. Um *local* superior e central, de cor azul, que quando tocado apresentava um estímulo modelo visual textual; e, na parte inferior e nas laterais, outros dois *locais*, um de cor verde e ou vermelho, quando um deles era tocado, alocava para a sua parte interna o estímulo modelo visual textual apresentado. Os *locais* inferiores mudavam randomicamente de posição. A Figura 2 representa a situação experimental (tarefa) empregada nas três fases deste procedimento.

INSERIR FIGURA 2 APROXIMADAMENTE AQUI

A contingência colateral programada para este experimento consistiu em combinar os estímulos modelo visuais textuais *nicolau*, *igor*, *eduardo* e *otelo*, apresentados no *local* superior, com o *local* inferior de cor vermelha, e os estímulos modelo *lúcia*, *renata*, *amanda* e *márcia* com o local inferior de cor verde.

Segundo Cerutti (1989), contingências colaterais programadas são determinantes que mantêm comportamentos de escolha. No caso em específico do Experimento 1, o comportamento de combinar os estímulos modelo visuais textuais apresentados no *local* superior com o *local* inferior.

De acordo com a contingência colateral foram planejadas conseqüências para as respostas de tocar que estavam em acordo ou desacordo com o programado. Para a fase Treino, quando houve acordo na escolha da combinação apresentou-se no centro inferior da tela a palavra CERTO, no canto superior direito da tela um ponto foi acrescido ao contador e um som semelhante a um *Bip* agudo soou por um segundo. Caso a resposta emitida não estivesse de acordo com o programado, a palavra ERRADO era apresentada juntamente com um som semelhante a um *Bip* grave, e nenhum ponto foi acrescido ao contador.

As contingências programadas para a Fase de Treino podem se vistas na Figura 3, a seguir. Para as fases de Linha de Base e Extinção, que tinham a mesma tarefa, não foi programada nenhuma conseqüência.

INSERIR FIGURA 3 APROXIMADAMENTE AQUI

Durante as fases de Linha de Base e Extinção foram pedidas nove descrições sobre as contingências nas tentativas 1, 4, 8, 12, 16, 20, 24, 28 e 32. Para cada descrição que ocorria nestas fases, a tela da tarefa desaparecia e a seguinte mensagem era apresentada: *“Escreva no papel como você está fazendo para resolver este exercício. Depois o coloque na caixa, do lado esquerdo. Toque na tela para continuar.”*

Na Fase de Treino, após cada tentativa foi apresentada uma tela que solicitava a escolha de respostas que especificava se o participante sabia ou não como estava fazendo para resolver a tarefa. A seguinte instrução foi utilizada para solicitar a Resposta de Informação: *“Caso você saiba como está fazendo para resolver este exercício, toque no ‘SIM’ abaixo. Caso não saiba, toque no ‘NÃO’”*.

As respostas de escolha da condição Sim ou Não foram definidas por Simonassi et al (2001) como Respostas de Informação, e não houve conseqüências programadas para as Respostas de Informação. A Figura 4 apresenta a configuração da tela do monitor que solicitava a Resposta de Informação.

INSERIR FIGURA 4 APROXIMADAMENTE AQUI

Os participantes foram divididos em duas condições de descrição das contingências: a) condição Relato a Cada Sim, para os participantes 01, 02 e 03; e, b) condição Relato ao Final, os participantes 04, 05 e 06.

De acordo com a condição Relato a Cada Sim, após cada Resposta de Informação Sim foi solicitada a descrição; para a condição Relato ao Final, a descrição ocorreu somente após ter sido concluída a fase Treino. A instrução para o pedido da descrição foi a mesma utilizada na Linha de Base e na Extinção. No Experimento 1 não houve conseqüências programadas para as descrições solicitadas nas fases.

As descrições apresentadas pelos participantes foram categorizadas em dois tipos: a) tipo E1.CA (Experimento1 utilizando a Contingência Atual), quando as descrições estavam relacionadas com as contingências atuais (ver no Anexo 1 exemplo deste tipo de descrição) e b) tipo E1.NCA (Experimento 1 utilizando Nenhuma Contingência Adotada) com , descrições relacionadas com contingências não utilizadas no experimento (ver no Anexo 2 exemplo deste tipo de descrição).

O critério para encerramento das fases de Linha de Base e Extinção consistiu na exposição do participante a 32 tentativas. A Fase de Treino encerrava-se com 16 acertos consecutivos ou a exposição a 64 tentativas, independente de haver acertos consecutivos.

A resolução do problema foi definida a partir da ocorrência de oito acertos consecutivos. As categorias adotadas na análise dos dados foram: tipo R1.CSA (Resolução do experimento 1 com Contingências da Sessão Atual), quando se observou oito acertos consecutivos relacionados à contingência colateral programada utilizada no

experimento; tipo R1.OC (Resolução do experimento 1 com Outra Contingência), quando se observou oito acertos consecutivos relacionados às contingências não programadas para o experimento.

Resultados

As Tabelas 1 e 2 possibilitaram a observação da existência de respostas de descrição das contingências e de resolução do problema nas fases do experimento. A Tabela 3 possibilitou verificar se as Respostas de Informação se relacionaram às contingências utilizadas ou não utilizadas no experimento.

A Tabela 1 mostra a percentagem de ocorrência dos tipos de descrições apresentadas pelos participantes nas fases de Linha de Base, Treino e Extinção. Pode-se observar na Linha de Base e na Extinção que todos os participantes apresentaram 100 % das ocorrências das descrições pela categoria do tipo E1.NCA. Na Fase de Treino, os participantes do Grupo Relato a Cada Sim, 01, 02 e 03, tiveram 100 % das ocorrências para a descrição do tipo E1.NCA. Para os participantes do Grupo Relato ao Final, na Fase de Treino, não foi possível acessar quais as prováveis categorias que estariam ocorrendo, pois não foi dada a oportunidade de descrição.

Tabela 1. Percentagem de ocorrência dos tipos de descrições apresentadas nas fases do Experimento 1, pelos grupos Relato a Cada Sim e Relato ao Final.

Categoria das Respostas de Descrição Apresentada nas Fases do Experimento 1		Grupo Relato a Cada Sim			Grupo Relato ao Final		
		Pp. 01	Pp. 02	Pp. 03	Pp. 04	Pp. 05	Pp. 06
Linha de Base	E1.CA	0	0	0	0	0	0
	E1.NCA	100 %	100 %	100 %	100 %	100 %	100 %
Treino	E1.CA	0	0	0	-	-	-
	E1.NCA	100 %	100 %	100 %	-	-	-
Extinção	E1.CA	0	0	0	0	0	0
	E1.NCA	100 %	100 %	100 %	100 %	100 %	100 %

A Tabela 2 possibilita verificar o número de blocos de oito acertos consecutivos apresentados nas três fases do experimento pelos participantes dos grupos Relato a Cada Sim e Relato ao Final. Pode-se observar, portanto, que em nenhuma das fases os participantes apresentaram categorias do Tipo R1.CSA e nem do Tipo R1.OC, ou seja, os participantes não apresentaram respostas de resolução do problema.

Tabela 2. Número de blocos de oito acertos consecutivos apresentado pelos participantes dos grupos Relato a Cada Sim e Relato ao Final nas fases do Experimento 1, em relação às categorias de resolução do problema.

Categorias de Resolução do problema nas Fases do Experimento 1		Grupo Relato a Cada Sim			Grupo Relato ao Final		
		Pp. 01	Pp. 02	Pp. 03	Pp. 04	Pp. 05	Pp. 06
Linha de Base	Tipo R1.CSA	0	0	0	0	0	0
	Tipo R1.OC	0	0	0	0	0	0
Treino	Tipo R1. CSA	0	0	0	0	0	0
	Tipo R1.OC	0	0	0	0	0	0
Extinção	Tipo R1.CSA	0	0	0	0	0	0
	Tipo R1.OC	0	0	0	0	0	0

A Tabela 3 mostra na fase Treino a tentativa em que ocorreu o primeiro Sim e em que tentativa ocorreu a descrição da contingência da Fase 2, nos grupo Relato a Cada Sim e Relato ao Final. Pode-se observar que no grupo Relato a Cada Sim a média de tentativas para a emissão do primeiro Sim foi de 1,67 e não ocorreu para nenhum dos participantes a descrição das contingências utilizadas. Para o grupo Relato ao Final a média para emissão do primeiro Sim foi de 3 tentativas e que, também neste grupo, nenhum participante descreveu as contingências colaterais programadas.

Tabela 3. Tentativa em que ocorreu o primeiro Sim e a descrição das contingências na fase Treino, para os grupos Relato a Cada Sim e Relato ao Final, do Experimento 1.

Relato a Cada Sim			Relato ao Final		
Pp.	Tentativa de ocorrência do 1° Sim	Tentativa que ocorreu a descrição da contingência utilizada na fase Treino	Pp.	Tentativa de ocorrência do 1° Sim	Tentativa que ocorreu a descrição da contingência utilizada na fase Treino
01	1	-	04	1	-
02	2	-	05	7	-
03	2	-	06	1	-
Total	5	-	Total	9	-
Média	1,67	-	Média	3	-

Discussão

Ao se verificar a existência de descrições no presente experimento, constata-se que contingências sociais determinaram o caráter das respostas de descrição, em público ou privado. As contingências sociais foram as instruções utilizadas na Fase de Treino que dispunham da oportunidade de se publicizar os eventos privados a partir das Respostas de Informações. Como visto em Simonassi et al (2001), as contingências sociais dispuseram as condições para que as respostas de descrição se tornassem acessíveis aos observadores. Observa-se a acessibilidade das descrições no Grupo Relato a Cada Sim, no qual todos os participantes relataram quando solicitado. Já no Grupo Relato ao Final, os participantes descreveram as contingências quando solicitados, porém ao não ser dada a oportunidade de se relatar na Fase Treino, não se observou descrições por parte dos mesmos. Isto sugere que as contingências sociais determinam condições para a ocorrência de descrições. Conforme demonstraram Buskit e Miller (1986) as descrições são dependentes de outras variáveis, viabilizando descrições em acordo e ou não com as contingências programadas.

Com respeito à efetividade de tais descrições, ou seja, verificar se as descrições apresentadas pelos participantes se relacionaram às contingências colaterais utilizadas no experimento, pode-se observar que o padrão de descrição apresentado pelos participantes, em ambos os grupos, não se relacionaram com as contingências utilizadas no experimento.

Ou seja, para ambos os grupos, na Linha de Base ocorreram as descrições tipo E1.CSA. Na fase Treino os participantes do Grupo Relato a Cada Sim apresentaram respostas também do tipo E1.CSA, já quanto aos participantes do Grupo Relato ao Final

pode-se inferir que as respostas de descrição, caso fosse dado a eles oportunidade de descrever, seria também do tipo E1.CSA. As descrições ocorreram só após a resolução dos problemas, e nenhum dos participantes resolveu o problema (vide Tabela 2). Estes resultados estão em acordo com os obtidos em Simonassi, Oliveira e Sanábio (1994) e Bandura (1969). Em ambos os estudos observou-se que a descrição das contingências aumentaram de frequência somente após os participantes terem resolvido o problema.

Esta afirmação se sustenta inferencialmente ainda pela comparação das respostas de descrição da fase Treino com a da Fase de Extinção, de ambos os grupos. Pois, como visto no Grupo Relato a Cada Sim na fase Treino e na Extinção, as respostas de descrição se mantiveram semelhantes.

Na Fase de Treino do Grupo Relato ao Final, a possibilidade de descrição das contingências ocorreu ao final da fase. E como as contingências foram semelhantes às do Grupo Relato a Cada Sim supõe-se que se fosse dada aos participantes do Grupo Relato ao Final a possibilidade de descrição após cada Resposta de Informação, a descrição seria a mesma encontrada no grupo que descreve a cada Resposta de Informação, pois foram idênticas as contingências utilizadas em ambos os grupos. Assim, ao se comparar as respostas de descrição da fase Extinção dos grupos Relato a Cada Sim com o Relato ao Final e a fase Treino do Relato a Cada Sim como condições para a ocorrência das resposta Tipo E1.CSA, infere-se que se fosse dada a oportunidade de descrição ao Grupo Relato ao Final os participantes apresentariam também a resposta de descrição tipo E1.CSA. A resposta de descrição, contudo, não é eficaz quanto à sua indicação das contingências colaterais utilizadas no experimento.

Segundo Simonassi (1995), Paniagua e Baer (1982) e Torgurd e Holborn (1990) respostas de resolução do problema podem ocorrer independente de respostas de

descrição eficazes. Neste experimento não ocorreu descrição eficaz e nem respostas de resolução relacionados à contingência colateral utilizada.

Conforme Simonassi et al (2001), o processo de tornar pública a descrição de contingências para a resolução do problema possibilitou identificar que outra resposta, de afirmar que sabe a solução do problema (Resposta de Informação Sim), não é relacionável às contingências utilizadas. Nos grupos não foi possível comparar a média entre as tentativas para o primeiro Sim e para o Sim com descrição correta, pois nenhum dos participantes do Grupo Relato a Cada Sim descreveu as contingências. E para os participantes do Grupo Relato ao Final infere-se que também não haveria, caso fosse dada oportunidade, pois ao se comparar a média de tentativas para ocorrência do primeiro Sim nos dois grupos, observa-se, com base no Teste t de Student, que não há diferença estatisticamente significativa entre as médias ($t=0,74$; $p>0,05$) e que a descrição da fase Extinção foi semelhante a todos os participantes.

Com isso, ao se analisar a correlação das Respostas de Informação com as respostas de descrição e de resolução verifica-se que estas Respostas de Informações não são indicativas das contingências utilizadas. Pois as respostas de descrição não o são, como também, não ocorreram resoluções relacionados à qualquer contingência utilizada. Observa-se, com isso, a não efetividade relacional das Respostas de Informação em ambos os grupos.

Assim, como descrito por Skinner (1945), Catania (1998/ 1999) e demonstrado empiricamente por Simonassi, Tourinho e Vasconcelos-Silva (2001) os indicativos verbais, como as Respostas de Informação, não são confiáveis para detectar como a comunidade verbal modelou as repostas de resolução das contingências colaterais e as suas descrições. E, no presente experimento, não foi possível acessar a que contingências se relaciona a Resposta de Informação, pois não foi possível encontrar

ordem na relação entre as Respostas de Informação e as respostas de descrição e resolução. Portanto, a que eventos as Respostas de Informação se relacionam foram inacessíveis à observação pública, dificultando com isso o acesso aos eventos privados.

Experimento 2

Método

Participantes

Cinco alunos do primeiro ano do curso de Psicologia da Universidade Católica de Goiás, de ambos os sexos e com idade variando entre 17 e 24 anos, participaram do experimento. Cada participante ganhou até três pontos, em disciplina de Psicologia, pela participação, além disso tomaram parte em dois sorteios que ofereciam R\$ 50,00 cada.

Material

O material utilizado foi o mesmo do Experimento 1, adequando-se a configuração dos parâmetros do programa para as contingências colaterais programadas deste experimento.

Procedimento

Os participantes do Experimento 2 foram conduzidos um a um à sala experimental e convidados a se sentarem em frente à tela do monitor do computador. Inicialmente, fez-se esclarecimentos gerais sobre a natureza do experimento (explicação semelhante ao do Experimento 1) e, posteriormente, comunicou-se que o experimento ocorreria em duas sessões.

As sessões, cujos nomes não foram informados aos participantes, foram as seguintes: a) Sessão 1, contingência prévia de reforçamento, e b) Sessão 2, contingência atual de reforçamento. Uma sessão ocorreu separada da outra com um intervalo de no mínimo duas horas e no máximo de seis horas. Após os esclarecimentos aos

participantes, iniciou-se a Sessão 1. A Figura 5 ilustra esquematicamente como foram programadas as Sessões do procedimento do Experimento 2.

INSERIR A FIGURA 5 APROXIMADAMENTE AQUI

A tarefa programada para as duas sessões foi semelhante. Consistiu em tocar com a ponta do dedo dois de três *locais* de interação que apareciam na tela do monitor. Um *local* superior e central, de cor azul, que quando tocado apresentou um estímulo modelo visual textual; e, na parte inferior e nas laterais, outros dois *locais*, um de cor verde e outro vermelho, que quando um deles foi tocado, alocou para a sua parte interna o estímulo modelo visual textual. Os *locais* inferiores mudavam randomicamente de posição. A Figura 6 ilustra a situação experimental adotada nas sessões do Experimento 2.

INSERIR A FIGURA 6 APROXIMADAMENTE AQUI

A Sessão 1 foi composta de três fases: Linha de Base, Treino e Extinção. A instrução utilizada para a Linha de Base foi:

“Você está iniciando um estudo sobre aprendizagem. Nesta primeira fase, você deverá seguir as seguintes instruções. Na tela do monitor à sua frente, aparecerão três figuras: uma superior e central e duas inferiores e nas laterais. Sua tarefa será, inicialmente, tocar com a ponta do dedo a figura superior (de cor azul) e, em seguida, uma das figuras abaixo (de cor verde ou vermelha). Você não receberá nenhuma mensagem indicando se sua escolha foi correta ou incorreta. Após tocar as duas

figuras, lhe será solicitado que responda por escrito uma pergunta sobre a tarefa, e após responder à pergunta uma nova tela com as figuras será apresentada. Quando esta fase terminar você será avisado. Toque a tela para iniciar a tarefa.”

Ao término da Linha de Base e imediatamente após, apareceu na tela do computador uma instrução para iniciar a Fase de Treino da Sessão 1. A instrução utilizada foi:

“Nesta fase, a sua tarefa será como se segue: ao tocar as duas figuras, a superior e uma das inferiores, o computador informará se sua escolha foi correta ou incorreta. Se sua escolha for correta, o computador irá acrescentar 1 (um) ponto ao contador no canto superior à esquerda.

Tente acertar o máximo possível. Quando esta fase terminar, você será avisado (a). Toque a tela para iniciar a tarefa.”

A Fase de Extinção, que iniciou logo após o término do Treino, utilizou a seguinte instrução: *“A sua tarefa consiste em tocar a figura superior e uma das inferiores. Nesta fase, porém, não será indicado se as escolhas foram corretas ou incorretas. Toque a tela para iniciar a tarefa.”*

Ao tocar a tela do monitor, deu-se início à tarefa. Para resolução da tarefa a contingência colateral programada para a Sessão 1 consistiu em associar os estímulos modelo visuais textuais *n*, *l*, *r* e *i*, que apareceram no *local* superior azul, com o *local* inferior de cor verde; e os estímulos modelo *a*, *e*, *o* e *m* com o *local* inferior de cor vermelha. As letras apresentadas foram as mesmas utilizadas no início das palavras da Sessão 2. A Figura 7 apresenta esquematicamente as contingências colaterais programadas para a Sessão 1.

INSERIR A FIGURA 7 APROXIMADAMENTE AQUI

A apresentação das conseqüências foi programada de acordo com as fases da Sessão 1. Para a Fase de Treino, quando a resposta ao estímulo modelo combinava adequadamente à cor do *local* inferior a palavra CERTO, um ponto no contador do canto superior esquerdo e um som semelhante a um *Bip* agudo foram apresentados ao participante. Caso a combinação não estivesse de acordo com a contingência programada, a palavra ERRADO e um som semelhante a um *Bip* grave foram apresentados e nenhum ponto foi acrescido ao contador. Para as fases de Linhas de Base e Extinção nenhuma conseqüência foi programada.

Os pedidos de descrição na Linha de Base e na Extinção ocorreram nas tentativas 1, 4, 8, 12 e 16. A instrução utilizada foi: *“Escreva no papel como você está fazendo para resolver este exercício. Depois o coloque na caixa ao lado esquerdo. Toque na tela para continuar.”*

Na Fase de Treino os pedidos de descrição ocorreram a partir da 34ª tentativa. E utilizou-se a seguinte instrução para pedir a descrição: *“Como você está fazendo para resolver este exercício? Escolha a melhor alternativa.”*

As descrições da contingência na Fase de Treino, da Sessão 1, ocorreram a partir da escolha de alternativas apresentadas na tela do computador após a tela da tarefa. A Figura 8 apresenta o modelo de configuração que se adotou para a escolha das descrições e os tipos utilizados.

INSERIR FIGURA 8 APROXIMADAMENTE AQUI

Utilizou-se quatro tipos de alternativas que poderiam ser relacionadas à descrição de propriedades específicas (que contemple todos os termos da contingência) ou genéricas (que contemple somente um dos termos) das contingências programadas para a Sessão 1. As alternativas apresentaram descrições que se correlacionavam à propriedades genéricas (*Tocando a tela do computador*), que se correlacionavam à propriedades específicas e de acordo com a contingência (*Terminações n, r, l, i combinam com verde e terminações a, e, o, m com vermelho*), e que se correlacionavam à propriedades específicas e parcialmente de acordo com as contingências (*Vogais combinam com verde e consoantes combinam com vermelho* e *Vogais combinam com vermelho e consoantes combinam com verde*).

As descrições apresentadas pelo participante nas fases da Sessão 1 foram analisadas a partir das categorias de descrição: tipo de descrição E2.RG (Experimento 2 com Relato Geral) quando se observou descrições com propriedades genéricas; tipo E2.RE10 (Experimento 2 com Relato Específico e 100 % de acerto), quando se observou descrições que especificavam as propriedades da contingência da Sessão 1; tipo E2.RE8 (Experimento 2 com Relato Específico e 80 % de acerto), quando se especificava as propriedades da contingência porém com a possibilidade de 80 % de acertos das soluções; tipo E2.RE2 (Experimento 2 com Relato Específico e 20 % de acerto), quando se observou propriedades específicas e com a possibilidade de 20 % de acertos; e, tipo E2.OCR (Experimento 2 com Outra Categoria de Relato), quando se observou categorias de descrições que não se relacionavam com a contingência colateral programada. A categoria tipo E2.OCR só foi utilizada nas descrições apresentadas por

escrito nas fases de Linha de Base e de Extinção, as demais categorias em todas as fases.

O critério para encerramento da primeira Sessão consistiu em ter passado pelas três fases e relatado quando solicitado. As fases de Linha de Base e Extinção encerraram com 16 tentativas e a Fase de Treino com 16 acertos consecutivos ou ser exposto a 999 tentativas, independentemente de ocorrer acertos consecutivos.

Na Sessão 1, a resolução do problema foi definida a partir de duas categorias de blocos de oito de acertos consecutivos: tipo R2.CS1 (Resolução do experimento 2 com Contingência da Sessão 1), quando se observou oito acertos consecutivos relacionados à contingência utilizada na Sessão 1, e categoria tipo R2.OC (Resolução do experimento 2 com Outra Contingência), quando se observou oito acertos consecutivos relacionados a contingências não utilizadas na sessão.

Sessão 2. O procedimento da Sessão 2 foi idêntico ao procedimento adotado no Experimento 1. As Figuras 1, 2 e 3 mostram a situação experimental com a configuração da tela da tarefa e das contingências programadas na Sessão 2 do presente experimento.

Todas as instruções utilizadas na Sessão 2 do Experimento 2 foram idênticas à do Experimento 1, inclusive as instruções quando se solicitou as Respostas de Informação (ver Figura 4).

Para a Sessão 2, os participantes foram distribuídos em dois grupos, Grupo Relato ao Final, participantes 01 e 02, e Grupo Relato a Cada Sim, 03, 04 e 05. Nas fases de Linha de Base e Extinção a descrição foi solicitada em tentativas específicas (1, 4, 8, 12, 16, 20, 24, 28 e 32). A oportunidade de descrição da Fase Treino, da Sessão 2, foi dada após cada Resposta de Informação Sim, Grupo Relato a Cada Sim, e somente ao final da fase para o Grupo Relato ao Final.

As descrições apresentadas pelo participante foram categorizados na Sessão 2, pelos experimentadores, em três tipos: a) tipo E2.CP (Experimento 2 utilizando Contingências Previas), quando as descrições estavam relacionadas com as contingências da Sessão 1 (ver no Anexo 3 exemplo deste tipo de descrição); b) Tipo E2.CA (Experimento 2 utilizando Contingências Atuais), quando as descrições estavam relacionadas com as contingências da Sessão 2 (ver Anexo 4 exemplo deste tipo de descrição); e, c) Tipo E2.NCA (Experimento 2 utilizando Nenhuma Contingência Adotada), quando não foi possível detectar a que contingências as descrições estavam relacionadas ou as descrições estavam relacionadas a contingências não envolvidas no Experimento (ver no Anexo 5 exemplo deste tipo de descrição).

O critério para encerramento foi semelhante ao do Experimento 1. Para as fases de Linha de Base e Extinção consistiu na exposição do participante a 32 tentativas. A Fase de Treino encerrava-se com 16 acertos consecutivos ou a exposição a 64 tentativas, independentemente dos acertos consecutivos.

A resolução de problema na Sessão 2 foi analisada a partir de três categorias de blocos de oito acertos consecutivos: tipo R2.CS1 (Resolução do experimento 2 com Contingências da Sessão 1), foi adotado quando se observou oito acertos consecutivos relacionados à contingência da Sessão 1; o tipo R2.CS2 (Resolução do experimento 2 com Contingências da Sessão 2), consistiu em observar oito acertos consecutivos relacionados à contingência da Sessão 2; e, o tipo R2.OC (Resolução do experimento 2 Outras Contingências utilizadas), quando se observou os oito acertos consecutivos relacionados à contingências não utilizadas no experimento.

Resultados

No Experimento 1 não foi possível acessar eventos que se correlacionassem com as Respostas de Informação e conseqüentemente inferir sobre eventos privados. O Experimento 2 buscou estabelecer respostas de resolução do problema e de descrição das contingências e posteriormente verificar a possibilidade de se inferir se as respostas de informações se correlacionam com estas respostas.

Apresentou-se inicialmente no Experimento 2 os resultados da Sessão 1 e, em seguida, os da Sessão 2. Na Sessão 1 destacou-se as categorias de descrição e de resolução do problema, as Tabelas 4 e 5 permitiram conferir tais desempenhos. Os resultados da Sessão 2 foram analisados a partir da verificação das respostas (descrição das contingências e de resolução do problema) que ocorreram na Linha de Base da Sessão 2 e se relacionam à contingência da Sessão 1, as Tabelas 6 e 7 viabilizaram esta análise. E, ainda, na Sessão 2 buscou-se verificar a que contingências se relacionam as Respostas de Informação, a Tabela 8 possibilitou a análise.

Resultados da Sessão 1

A Tabela 4 permite observar a percentagem de ocorrência das categorias de descrição apresentadas pelos participantes nas fases da Sessão 1. Pode-se verificar na Linha de Base, para todos os participantes, que a categoria tipo E2.RG ocorreu com uma percentagem igual a 100 %. Ainda nesta fase a categoria E2.R10 ocorreu com uma percentagem de zero (0) por cento para todos os participantes. Na Fase de Treino este tipo de descrição, ou seja, a descrição tipo E2.RE10 ocorreu com maior percentagem, respectivamente 100%, 96%, 100%, 71,43% e 86,96%, para os participantes, 01, 02, 03,

04 e 05. Na Extinção, observou-se também que a categoria de descrição que mais ocorreu foi o E2.RE10, com as percentagens iguais a 100%, para os participantes 01, 04 e 05, e percentagem igual a 60%, para os participantes 02 e 03.

Tabela 4. Apresenta a percentagem de ocorrência das descrições das contingências apresentadas pelos participantes nas fases do Experimento 1.

Categorias de Descrição Apresentadas nas Fases da Sessão 1		Participantes				
		Pp. 01	Pp. 02	Pp. 03	Pp. 04	Pp. 05
Linha de Base	E2.RE10	0	0	0	0	0
	E2.RE8	0	0	0	0	0
	E2.RE2	0	0	0	0	0
	E2.RG	100%	100%	100%	100%	100%
	E2.OCR	0	0	0	0	0
Treino	E2.RE10	100%	96%	100%	71,43%	86,96%
	E2.RE8	0	4%	0	21,43%	8,70%
	E2.RE2	0	0	0	3,57%	0
	E2.RG	0	0	0	3,57%	4,35%
Extinção	E2.RE10	100%	60%	60%	100%	100%
	E2.RE8	0	0	40%	0	0
	E2.RE2	0	0	0	0	0
	E2.RG	0	40%	0	0	0
	E2.OCR	0	0	0	0	0

A Tabela 5 permitiu observar o número de blocos de oito acertos consecutivos apresentado pelos participantes nas Fases da Sessão 1. Na Linha de Base, para todos os participantes não ocorreu nenhum bloco de acerto relativo à contingência em vigor. No Treino, para os cinco participantes 2 blocos de acertos foram suficientes para se atingir o critério de resolução da fase Treino. E na Extinção, pôde-se verificar que os participantes 01, 02 e 03 apresentaram 2 blocos de acertos, enquanto que os

participantes 04 e 05 apresentaram 1 bloco de acerto cada. Em nenhuma das fases foi observado, para os participantes, as categorias de resolução relacionadas a contingências não envolvidas na Sessão 1.

Tabela 5. Número de blocos de oito acertos consecutivos apresentados pelos participantes do Experimento 2 nas fases da Sessão 1, em relação às categorias de resolução do problema.

Categorias de Resolução do problema nas Fases da Sessão 1		Participantes				
		Pp. 01	Pp. 02	Pp. 03	Pp. 04	Pp. 05
Linha de Base	R2.CS1	0	0	0	0	0
	R2.OC	0	0	0	0	0
Treino	R2.CS1	2	2	2	2	2
	R2.OC	0	0	0	0	0
Extinção	R2.CS1	2	2	2	1	1
	R2.OC	0	0	0	0	0

Pode-se verificar nas Tabelas 4 e 5 que todos os participantes após treino de resolução da tarefa apresentaram a resposta de resolução em acordo com as contingências em vigor na Sessão 1. Houve também uma relação desta resposta de resolução com as de descrição da contingência programada para a sessão. Ou seja, as contingências às quais os participantes foram expostos na Sessão 1 permitiram a ocorrência de uma relação entre a resposta de resolução do problema e a de descrição das contingências.

Resultados da Sessão 2

Os resultados da Sessão 2 possibilitaram verificar se as descrições das contingências se relacionaram com a resolução do problema e se estas respostas

adquiridas se mantiveram em sessões subseqüentes. Possibilitou, também, observar a que contingências as Respostas de Informação se relacionam, se às contingências da Sessão 1 ou às da Sessão 2.

A Tabela 6 mostra a percentagem de ocorrência das categorias de descrição apresentadas pelos participantes nas fases da Sessão 2. Pode-se observar na Linha de Base que todos os participantes apresentaram maior percentagem de ocorrência para a descrição da contingência da Sessão 1, descrição tipo E2.CP. As percentagens apresentadas pelos participantes 01, 02, 03, 04 e 05 foram 100%, 100%, 88,89%, 88,89% e 55,56%, respectivamente.

No Treino, os participantes 03, 04 e 05 apresentaram descrições da contingência da Sessão 2, tipo E2.CA, as respectivas percentagens foram 88,23%, 85,71% e 64,71%. Os participantes 01 e 02 não descreveram por não ter sido dado a eles possibilidade de descrever no transcorrer da Fase de Treino, pois a descrição foi solicitada apenas no final.

Na Fase de Extinção pode-se observar que quatro dos participantes (01, 02, 03 e 05) apresentaram descrições em acordo com a Sessão 2, tipo E2.CA, sendo as percentagens 100%, 100%, 88,89% e 100%, respectivamente. Só o Participante 04 apresentou descrição na Extinção que não se relacionava às contingências da Sessão 1 e nem da Sessão 2, descrição tipo E2.NCA

Tabela 6. Percentagem de ocorrência dos tipos de descrições apresentadas nas fases da Sessão 2, pelos grupos Relato ao Final e Relato a Cada Sim.

Categoria das Respostas de Descrição Apresentada nas Fases da Sessão 2 do Experimento 2	Grupo Relato ao Final		Grupo Relato a Cada Sim		
	Pp. 01	Pp. 02	Pp. 03	Pp. 04	Pp. 05

Linha de Base	E2.CP	100%	100%	88,89%	88,89%	55,56%
	E2.CA	0	0	0	0	0
	E2.NCA	0	0	11,11%	11,11%	44,44%
Treino	E2.CP	-	-	11,76%	14,29%	5,88%
	E2.CA	-	-	88,23%	85,71%	64,71%
	E2.NCA	-	-	0	0	29,41%
Extinção	E2.CP	0	0	0	0	0
	E2.CA	100%	100%	88,89%	0	100%
	E2.NCA	0	0	11,11%	100%	0

A Tabela 7 mostra o número de blocos de oito acertos consecutivos que ocorreram nas fases da Sessão 2 em relação às categorias de resolução do problema. Na Linha de Base todos os cinco participantes apresentaram blocos de acertos consecutivos referentes à contingência da Sessão 1, categoria de resolução tipo R2.CS1. O número de blocos apresentados pelos participantes 01, 02, 03, 04 e 05 foi igual a 1, 2, 3, 3 e 1. Nenhuma categoria tipo R2.CS2 e R2.OC ocorreram na Linha de Base.

Na Fase de Treino os cinco participantes apresentaram blocos de acertos relacionados com a contingência da Sessão 2, categoria tipo R2.CS2. Os valores para os participantes 01, 04 e 05 foram iguais a 2 blocos, enquanto que os participantes 02 e 03 apresentaram 3 blocos de acertos. Somente o Participante 05 apresentou 1 bloco de acerto referente à contingência da Sessão 1, categoria tipo R2.CS1. Não foi observada a ocorrência de blocos de acertos referentes à categoria tipo R2.OC.

Pode-se observar ainda na Tabela 7, na Fase de Extinção, que os participantes 01, 02, 03 e 05 apresentaram exclusivamente blocos de acertos referentes à contingência

da Sessão 2, ou seja, categoria tipo R2.CS2. Somente o Participante 04 que apresentou outra resposta de resolução, categoria tipo R2.OC.

Tabela 7. Número de blocos de oito acertos consecutivos apresentado pelos participantes dos grupos Relato a Cada Sim e Relato ao Final nas fases da Sessão 2 do Experimento 2, em relação às categorias de resolução do problema.

Categorias de Resolução do problema nas Fases da Sessão 2 do Experimento		Grupo Relato ao Final		Grupo Relato a Cada Sim		
		Pp. 01	Pp. 02	Pp. 03	Pp. 04	Pp. 05
Linha de Base	R2.CS1	1	2	3	3	1
	R2.CS2	0	0	0	0	0
	R2.OC	0	0	0	0	0
Treino	R2.CS1	0	0	0	0	1
	R2.CS2	2	3	3	2	2
	R2.OC	0	0	0	0	0
Extinção	R2.CS1	0	0	0	0	0
	R2.CS2	4	4	3	0	2
	R2.OC	0	0	0	4	0

A Tabela 8 mostra em que tentativa ocorreu o primeiro Sim (Resposta de Informação) e em qual tentativa ocorreu a descrição das contingências. A descrição das contingências foi analisada mediante a comparação das descrições apresentadas na Sessão 2 em relação às contingências da Sessão 1 e Sessão 2. Pode-se, portanto, verificar que a média de tentativas para ocorrência do primeiro Sim, no grupo Relato a Cada Sim, foi 1. Verifica-se também no mesmo grupo que a média de tentativas para ocorrência da descrição da contingência da Sessão 2 foi de 44 tentativas e para descrição da contingência da Sessão 1 de 1,67 tentativas.

Para o grupo Relato ao Final, a média de tentativas para ocorrência do primeiro Sim foi igual a 1. No que diz respeito ao número de tentativas para descrição das contingências da Sessão 2, a média para a descrição das contingências, neste grupo, foi

de 37,5 tentativas. Este grupo, por não ter a oportunidade de relatar a cada Sim, não possibilitou verificar na Fase de Treino se ocorreu descrições referentes à contingência da Sessão 1.

Tabela 8. Tentativa em que ocorreu o primeiro Sim e a descrição das contingências na Fase de Treino da Sessão 2, para os grupos Relato a Cada Sim e Relato ao Final. A descrição das contingências tiveram seu conteúdo analisado a partir das Sessões 1 e 2.

	Relato a Cada Sim			Relato ao Final			
	Tentativa de ocorrência do 1º Sim	Tentativa que ocorreu de descrição referente à contingência da Sessão 2	Tentativa que ocorreu de descrição referente à contingência da Sessão 1	Pp.	Tentativa de ocorrência do 1º Sim	Tentativa que ocorreu de descrição referente à contingência da Sessão 2	Tentativa que ocorreu de descrição referente à contingência da Sessão 1
03	1	43	1	01	1	38	-
04	1	43	1	02	1	37	-
05	1	46	3	-	-	-	-
Total	3	132	5	Total	2	75	-
Média	1	44	1,67	Média	1	37,5	-

A Figura 9 mostra as percentagens de acertos apresentadas pelos participantes do Grupo Relato ao Final nas três fases da Sessão 2. Pode-se verificar que, para os dois participantes, ao final da fase de Linha Base as descrições se relacionavam à contingência da Sessão 1. E, ao final da fase de Treino e durante a fase de Extinção a descrição que prevaleceu esteve de acordo com a Sessão 2. Verifica-se ainda que o primeiro Sim ocorreu para os dois participantes na primeira tentativa da fase Treino.

A Figura 10 mostra também as percentagens de acertos, só que apresentadas pelos participantes do Grupo Relato a Cada Sim, e permite observar para todos os

participantes que ao final da fase de Linha de Base a descrição estava em acordo com a contingência da Sessão 1, e que, também, no início da Fase de Treino a descrição estava em acordo com a contingência da Sessão 1. A figura possibilita ainda observar que aproximadamente a partir da quadragésima tentativa da fase Treino, para todos os participantes, a descrição esteve em acordo com as contingências da Sessão 2. Na fase de Extinção para os participantes 03 e 05 a descrição também esteve em acordo com a contingência da Sessão 2, com exceção do participante 04 que apresentou descrição relacionada a contingências não utilizadas no experimento.

INSERIR FIGURA 9 APROXIMADAMENTE AQUI

INSERIR FIGURA 10 APROXIMADAMENTE AQUI

Discussão

Segundo Skinner (1957, 1974) a comunidade verbal determina a aquisição de repertórios comportamentais mediante a modelagem ou o controle de estímulos. As interações entre respostas de resolução do problema e de descrição das contingências têm sido estudadas (Oliveira, 1998), nas quais pode-se constatar que o uso de contingências de reforçamento disposto pela comunidade verbal é relevante para a aquisição e manutenção das respostas de resolução de problemas e descrição das contingências relativas aos problemas solucionados (Catania, 1999; Spradlin, 1985).

No caso do Experimento 1, não foi possível a observação das respostas de resolução de problema e nem de descrição das contingências. A impossibilidade de não se deparar com a resolução e a descrição no experimento possivelmente se deve à pouca exposição às contingências reforçadoras. Em estudos semelhantes, porém com exposições longas foi verificado que os participantes passavam a descrever as contingências e a resolver os problemas (Simonassi et al, 1995; Simonassi, 1997). Todavia, as respostas que um indivíduo apresenta em situação específica podem ser resultantes da exposição prévia a outras contingências (Catania, 1999). No caso do Experimento 1, não foi possível acessar a que contingências prévias de reforçamento as respostas de descrição e resolução dos participantes estavam sob controle. Conseqüentemente não foi possível relacionar estes eventos às respostas de informações que seriam os indicativos da publicização das respostas de descrição quando encobertos.

O procedimento utilizado no Experimento 2, como visto nos resultados, viabilizou respostas de resolução e descrição em acordo com as contingências da Sessão 1. E as respostas de descrição e resolução estabelecidas na Sessão 1, portanto, estavam

relacionadas. Os resultados obtidos na Sessão 1 permitem afirmar que contingências reforçadoras dispostas pela comunidade verbal exerceram controle efetivo, tanto com o reforçamento contínuo na Fase de Treino como na Fase de Extinção.

A Sessão 2 do Experimento 2 apresentou estímulos modelos discriminativos nas contingências, que possuíam propriedades dos estímulos utilizados na Sessão 1 do mesmo experimento. Conforme Catania (1999), estímulos discriminativos correlacionados a propriedades de eventos passados exercem controle sobre os comportamentos subseqüentes. Assim, na Linha de Base da Sessão 2 foi possível verificar a ocorrência de respostas de resolução de problema e descrição das contingências semelhantes aos obtidos na Fase de Extinção da Sessão 1. As respostas referentes à exposição às contingências prévias de reforçamento na Linha de Base da Sessão 2 estavam, portanto, disponíveis ao acesso da comunidade verbal.

As respostas referentes à contingência da Sessão 1 persistiram até o início da fase Treino da Sessão 2. Fase esta que dispôs a que reforçadores os estímulos modelo da Sessão 2 sinalizavam. É importante lembrar que as propriedades dos estímulos da Sessão 1, quando comparadas à contingência da Sessão 2, perdiam em parte a funcionalidade, ou seja, não proporcionaram plena resolução do problema na contingência atual; a resposta de resolução referente à contingência da Sessão 1 proporcionou aos participantes, na Linha de Base da Sessão 2, 50 % dos acertos.

Para os participantes (01 e 02) do Grupo Relato ao Final na Fase de Treino da Sessão 2 não foi possível observar as descrições das contingências, pois não foi dada oportunidade para a descrição das contingências. Entretanto, na Extinção se verificou que as descrições estavam sob controle das contingências da Sessão 2, ou seja, das contingências atuais.

Ao se comparar também o desempenho dos participantes do Grupo Relato ao Final com o do Grupo Relato a Cada Sim (03, 04, 05), na Fase de Extinção, verificou-se a semelhança dos desempenhos de resolução e de descrição para dois dos participantes (03 e 04) do Grupo Relato a Cada Sim com os dois do Relato ao Final. E pelo Grupo Relato a Cada Sim ter apresentado maior percentagem de descrições referentes à contingência da Sessão 2, na Fase de Treino, é possível inferir que se fosse dado aos participantes do Grupo Relato ao Final, na Fase de Treino, a possibilidade para a descrição da contingência, estas estariam em acordo com a contingência da Sessão 2.

As Respostas de Informação permitiram ao longo da Fase de Treino verificar mudança em sua funcionalidade. Conforme a Tabela 8, para todos os participantes do Grupo Relato a Cada Sim para o primeiro Sim ocorrer foi necessário em média uma (01) tentativa. Ao se comparar a média de tentativas para a primeira Resposta de Informação (Sim) com a média de tentativas para a ocorrência da descrição referentes à contingência da Sessão 1, não se verificou diferença estatisticamente significativa segundo o Teste t de Student ($t = 1$; $p \leq 0,05$). A Resposta de Informação para este grupo indica nas primeiras tentativas que os participantes ainda estiveram sob o controle da contingência da Sessão 1. Este fenômeno se deve à pouca exposição à nova contingência a que os participantes foram submetidos.

Para que os participantes do Grupo Relato a Cada Sim descrevessem as contingências atuais foram necessárias em média 44 tentativas. Ao se comparar a média de tentativas do primeiro Sim com a média de tentativas da descrição da contingência da Sessão 2, verificou-se, com base no Teste t de Student, que a diferença entre as médias foi estatisticamente significativa ($t = 43$; $p \geq 0,05$). Aqui a primeira Resposta de Informação não se relaciona à contingência atual, porém após exposição às

contingências a Resposta de Informação adquire a funcionalidade referente à atual contingência.

No Grupo Relato ao Final não foi possível acessar diretamente a que contingências se referem as Respostas de Informação no início da Fase de Treino, como foi verificado no Grupo Relato a Cada Sim, ou seja, o primeiro Sim não foi acessível à observação pública, porém a inferência aos eventos que o primeiro Sim indica pode ser feita observando as respostas de resolução e de descrição na Extinção. E também, ao se comparar a média de tentativas para ocorrência do primeiro Sim com a média de tentativas para a descrição da contingência da Sessão 2, segundo o Teste t de Student, a diferença foi estatisticamente significativa ($t = 73$; $p \geq 0,05$).

A funcionalidade das Respostas de Informação no início da fase Treino, no Grupo Relato ao Final, pode ser inferida a partir da comparação da última descrição da Fase de Linha de Base e pela comparação com o Grupo Relato a Cada Sim. Isso nos permite inferir que também no Grupo Relato ao Final se fosse dada a oportunidade aos participantes de relatarem na Fase Treino, os participantes estariam com a descrição sob o controle das contingências da Sessão 1 no início da fase. No caso presente, a resposta de descrição das contingências manteve-se encoberto.

O Experimento 2 possibilitou verificar quais comportamentais foram adquiridos pelo controle exercido pelas contingências de reforçamento. Estes comportamentos se mantiveram a partir de contingências que possuem propriedades previamente discriminativas, possibilitando com isso o efeito subsequente sobre os comportamentos de descrição e resolução que ocorrem em situações de reforçamento subsequentes. Quando, em certas contingências sociais, não se possibilitou a publicização das respostas de descrição verificou-se que as Respostas de Informação possibilitaram o acesso inferencial a estes eventos. Acesso este garantido mediante o

acesso relacional estabelecido entre as respostas que ocorreram nas condições de aquisição com a similaridade com a condições mantenedoras atuais.

Discussão Geral

O presente estudo ao utilizar procedimento desenvolvido por Simonassi et al (2001) forneceu a possibilidade do uso de evidências empíricas inferenciais sobre os eventos privados. Conforme apresentado por Tourinho (1995), há uma dificuldade conceitual de se analisar topograficamente os eventos privados. O termo evento privado foi adotado, primeiramente, nos experimentos como respostas encobertas de descrição das contingências e adquiridas pelo controle da contingência social antecedente. Estas respostas de descrição tiveram a sua publicização controlada por outras contingências sócias, ou seja, conforme discutido em Simonassi (2001) a acessibilidade aos eventos privados seria função de contingências sociais dispostas em determinados momentos da experimentação. Como salientou Skinner (1957), para se estudar o mundo dentro da pele o cientista deve se ater às contingências de reforçamento social predominantes por ocasião da aquisição, bem como daquelas que mantêm os repertórios verbais descritivos, e até mesmo indicativo da existência de outras respostas correlatas.

Os eventos privados nos experimentos, principalmente no Experimento 2, tiveram a sua existência indicada pela ocorrência das Respostas de Informação. Estas respostas foram relacionadas com os comportamentos de descrição das contingências e de resolução do problema, ou seja, buscou-se no Experimento 1 verificar se a Resposta de Informação poderia ser relacionada às respostas de descrição da contingência e de resolução do problema. Verificou-se que as Respostas de Informação indicaram somente a descrição das contingências, a resolução do problema não foi viável em razão de os participantes não terem resolvido o problema e nem apresentado outras respostas de resolução que não os programados nas contingências colaterais. Com isso, surgiu no

Experimento 1 o problema de não se ter acesso as condições prévias de determinação das respostas para se relacionar com a Resposta de Informação e ter a garantia, ou seja, a Resposta de Informação (resposta verbal descritiva) permitiria ser analisada funcionalmente se fosse possível descrever as condições de aquisição dos comportamentos a que ela se correlacionam (Paniagua e Baer, 1982; Ribeiro, 1989; Torgrud e Holborn, 1990).

O procedimento utilizado no Experimento 2 foi estruturado para viabilizar a relação entre os comportamentos de descrição e resolução e as Respostas de Informação. Neste experimento foi possível inferir sobre a existência dos eventos privados a partir da medição das Respostas de Informação. Quando se observou as Respostas de Informação e não era possível correlacioná-las às respostas de descrição e resolução por não estarem disponíveis devido à solicitação da publicização dos eventos privados disponibilizado pelos experimentadores do Grupo Relato ao Final, inferiu-se que tais padrões estavam ocorrendo, porém sem haver a possibilidade de acessá-los diretamente. O acesso só foi viável mediante a observação das condições reforçadoras sociais dispostas previamente (análise dos padrões comportamentais verificados na Linha de Base da Sessão 2 ou pela comparação com os padrões comportamentais verificados na Fase de Treino do Grupo Relato a Cada Sim).

A forma de análise dos eventos privados dada até agora contempla os comportamentos de descrição e resolução em dimensões reduzidas. Sendo disponíveis, portanto, somente à observação do próprio participante. Todavia, estes comportamentos reduzidos também foram possíveis de serem inferidos mediante o conhecimento que os experimentadores tiveram das condições de aquisição e manutenção dos comportamentos.

Outra forma de uso do conceito evento privado será proposta aqui. Esta análise não irá propor investigar os comportamentos de descrição e resolução pelas dimensões reduzidas. Mas sim, pela utilização do conceito evento privado mediante a definição de um conjunto de situações e condições para se aplicar a expressão proposta por parte dos experimentadores (Greenspoon, 1975). Ao se observar os resultados obtidos no Experimento 1, verificou-se que não foi possível aos observadores acessar as condições que estabeleceram as respostas de informações e, tão pouco, às respostas de descrição e de resolução. Portanto, no Experimento 1 foi inacessível à observação dos experimentadores as condições estabelecidas das respostas. Por não ser possível aos observadores estabelecer a relação das respostas públicas de acesso dos eventos privados com as respostas de descrição e resolução e as suas respectivas contingências controladoras, faz-se adequado o uso geral da expressão evento privado. Conforme apresentado no operacionismo skinneriano (1945, 1974) o estudo dos estados mentais passa, também, pelo estabelecimento de critérios de uso da linguagem dos termos científicos, pois a comunidade científica dispõe as contingências reforçadoras para o conhecimento de fenômenos a serem investigados, como os eventos privados, e aqui, nas condições do Experimento 1, adequaria-se o uso do termo em questão.

No caso do Experimento 2, as condições estabelecidas das Respostas de Informação, descrição e resolução foram observáveis. Ou seja, foi viável à observação por parte dos experimentadores de como os participantes adquiriram as respostas e como estas também se mantiveram. Contudo, as respostas de descrição e resolução podem ter o seu controle sob efeito de contingências não detectáveis. Como exemplo, o Participante 4, apresentado na Figura 7, na Fase de Extinção quando este apresentou respostas de resolução que fugiram ao controle das contingências da Sessão 1 e 2.

No Experimento 2, portanto, por ser possível aos observadores estabelecer relação entre as medidas verbais (Resposta de Informação) com as respostas de descrição e resolução e as respectivas contingências controladoras, pode-se estabelecer o uso geral para os observadores que os eventos não são privados.

Para se utilizar o termo evento privado deve-se levar em consideração se os experimentadores tiveram acesso às condições nas quais as respostas foram adquiridas e se foi possível estabelecer relação entre as respostas e as contingências controladoras.

Pôde-se verificar neste estudo que o termo evento privado pode ser utilizado como expressão indicativa de eventos de acesso direto único dos participantes, como também, expressão indicativa da possibilidade experimental dos observadores ao acessar ou não indiretamente a quais contingências os eventos privados dos participantes podem se relacionar.

Referências

- Anderson, C. M, Hawkins, R. P., & Scotti, J. R. (1997). Private events in behavior analysis: Conceptual basis and clinical relevance. Behavior Therapy, 28, 157-179.
- Bandura, A. (1969). Modificação do comportamento. Rio de Janeiro: Interamericana.
- Baum, W. M. (1994/ 1999). Compreender o Behaviorismo: Ciência, Comportamento e Cultura. Porto Alegre: Artmed.
- Buskist, W. F. & Miller, H. L. Jr. (1986). Interaction between rules and contingencies in the control of human fixed-interval performance. Psychological Record, 36, 109-116.
- Catania, A. C. (1998/ 1999). Aprendizagem: Comportamento, Linguagem e Cognição. Porto Alegre: Artmed.
- Cerutti, D. T. (1989). Discrimination theory of rule-governed behavior. Journal of the Experimental Analysis of Behavior, 51, 259-276.
- Chiesa, M. (1994). Radical behaviorism: The philosophy and the science. Boston: Authors Cooperative.
- Critchfield, T. S. (1996). Differential latency and selective nondisclosure in verbal self-reports. The Analysis of Verbal Behavior, 13, 49-63.
- Day, W. F. (1976/ 1992). Analyzing verbal behavior under the control of private events. Behaviorism, 4, 195-200.

- Greenspoon, J. (1955). The reinforcing effect of two spoken sounds on the frequency of two responses. American Journal of Psychology, 68, 409-416.
- Greenspoon, J. (1975). Revisión del concepto de experiencia privada. In: Prado, G. F. & Natalicio, L. F. S. (orgs) La Ciencia de la Conducta. Mexico: Editorial Trillas.
- Hayes, L. J. (1994). Thinking. Em Hayes, S. C. ; Hayes, L. J.;Sato, M. & Ono, K. (Eds). Behavior Analysis of Language and Cognition (pp. 149-164). USA: Context Press.
- Hefferline, R. F. (1958). The role of proprioception in the control of behavior. Transactions of the New York Academy of Sciences, 20, 739-764.
- Hefferline, R. F., Keenan, B., & Harford, R. A. (1959). Escape and avoidance conditioning in human subjects without their observation of the response. Science, 130, 1338-1339.
- Herrstein, R. J. & Boring, E. G. (1966/ 1971). Textos Básicos de História da Psicologia. São Paulo: Herder/ EDUSP, pp. 626-636.
- Nisbett, R.E., & Wilson, T. D. (1977). Telling more than we can know: Verbal report on mental processes. Psychological Review, 84, 231-259.
- Matos, M. A. (1997). Introspeção: método ou objeto de estudo para a análise do comportamento. Em Banaco, R. A. (orgs) Sobre comportamento e cognição, vol. 1., Santo André: ARBytes.
- Myers, D. (1998). Introdução à Psicologia Geral. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editores S. A.

- Moore, J. (1981). On mentalism, methodological behaviorism and radical behaviorism. Behaviorism, 9, 55-77.
- Moroz, M. (1991). Resolução de problemas: Problema a ser solucionado conceitual e empiricamente - Uma análise da Interpretação de B. F. Skinner. Tese de Doutorado não publicada. Curso de Pós-Graduação em Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP.
- Neves, S. M. M.; Oliveira, L. H. R.; Oliveira, J. D. S.; Lobo, C. I.; Auad, P. & Martins, W. (2000). A Formação de classes de equivalência em sujeitos fóbicos e não fóbicos: a quantidade do valor ameaçador do estímulo e os efeitos do contexto histórico de escolha. Pôster apresentado na XXX Reunião Anual de Psicologia. Brasília, Distrito Federal: Sociedade Brasileira de Psicologia.
- Paniagua, F.A., & Baer, D. M. (1982). The Analysis of Correspondence Training as Chain Reinforceable at Any Point. Child Development, 53, 786-798. [270]
- Oliveira, C.I. (1998). Resolução de Problema e Descrição de Contingências: Efeito da acurácia das instruções em tarefas sucessivas. Dissertação de Mestrado não publicada. Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de Brasília, Distrito Federal, Brasília.
- Ryle, G. (1984). The concept of mind. Chicago: University of Chicago Press.
- Rosenfarb, I. S., Newland, C. M., Brannon, S. E. & Howey, D. S. (1992). Effects of self-generated rules on the development of schedule-controlled behavior. Journal of the Experimental Analysis of Behavior, 58, 107-121.

Sundberg, M. L. (1991). 301 Research topics from Skinner's book verbal behavior. The Analysis of Verbal Behavior, 9, 81-96.

Sanábio, E.T. (2000). Punição de Relato Verbal: Uma contribuição para a análise do comportamento verbal. Dissertação de Mestrado não publicada. Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de Brasília, Distrito Federal, Brasília.

Simonassi, L. E., Fróes, A. C., Sanábio, E. T. (1995). Contingências e Regras: Considerações sobre comportamentos conscientes. Estudos, 22, 189-199.

Simonassi, L. E. (1997). Aquisição de consciência como condição para a melhora de desempenho ? Em R. A. Banaco (Org.), Sobre Comportamento e Cognição: aspectos teóricos, metodológicos e de formação em análise do comportamento e terapia cognitivista. Vol. 1 (pp. 282-288). São Paulo: Arbytes.

Simonassi, L.E., Oliveira, C.I., & Sanábio, E.T. (1994). Descrições sobre Possíveis Relações entre Contingências Programadas e Formulações de Regras. Estudos, 21, 97-112.

Simonassi, L. E.; Oliveira, C. I.; Gosch, C. S.; Vasconcelos-Silva, A.; Mujali, M.; & Souza, A. V. (1997). Instruções: efeito sobre solução de problema e formulação de regras. Temas em Psicologia, 1, 79-92.

Simonassi, L. E.; Tourinho, E. Z.; & Vasconcelos-Silva, A. (2001). Comportamento Privado: acessibilidade e relação com comportamento público. Psicologia: Reflexão & Crítica, 14 (1), no prelo.

Skinner, B. F. (1938). The Behavior of Organisms. Cambridge: Copley Publishing Group.

- Skinner, B. F. (1945). The operational analysis of psychological terms. Psychological Review, 52, 270-277/291-294.
- Skinner, B. F. (1957). Verbal Behavior. New York: Appleton-Century Crofts.
- Skinner, B. F. (1965). Science and human behavior. New York/London: Free Press/Collier MacMillan. (Original: 1953)
- Skinner, B. F. (1968). The technology of teaching. New York Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1969). Contingencies of reinforcement: A theoretical analysis. New York: Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1974). About behaviorism. New York: Alfred A. Knopf.
- Spradlin, J. E. (1985). Studying the effects of the audience on verbal behavior. The Analysis of Verbal Behavior, 3, 5-9.
- Torgrud, L.J., & Holborn, S. W. (1990). The effects of verbal performance descriptions on nonverbal operant responding. Journal of the Experimental Analysis of Behavior, 54, 273-291.
- Tourinho, E. Z. (1990). Privacidade e linguagem: nota sobre a distinção público-privado no behaviorismo radical skinneriano. Anais da 20^a Reunião Anual de Psicologia. Ribeirão Preto: Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto.
- Tourinho, E. Z. (1995). O autoconhecimento na psicologia comportamental de B. F. Skinner. Belém: Editora da UFPA.
- Tourinho, E. Z. (1997). Eventos privados em uma ciência do comportamento. Em Banaco, R. A. (org): Sobre Comportamento e Cognição. Vol. 1, pp. 174-187. São Paulo: ARBytes.

Tourinho, E. Z. (1999). Eventos Privados: o que, como e porque estudar. Em: Kerbauy, R. R. & Wielenska, R. C. (orgs):Sobre Comportamento e Cognição. Vol 4, pp. 13-25. São Paulo: ARBytes.

Vasconcelos-Silva, A.; Martins, W. & Simonassi, L. E. (2000). Private 2.0: sistema computadorizada para análise experimental dos correspondentes dos eventos privados. Pôster apresentado no IX Encontro Brasileiro de Psicoterapia e Medicina Comportamental. Campinas, São Paulo: ABPMC.

Watson, J. B. (1913). Psychology as the behaviorist views it. Psychological Review, 20, pp. 158-177.

ANEXO 1 . MODELO DE DESCRIÇÃO TIPO E1.CA

A descrição que se relaciona com às contingências atuais programadas não ocorreram em nenhum dos participantes do Experimento 1.

ANEXO 2 . MODELO DE DESCRIÇÃO TIPO E1.RND

As descrições de contingências que ocorreram no Experimento 1 que não se relacionaram às contingências colaterais programadas ou que não especificam a resolução do problema, podem ser exemplificadas com base na descrição do Participante 02:

- a) Fase de Treino última descrição: *“Quando o verde estiver do lado esquerdo e vermelho do lado direito.”*
- b) Fase de Extinção última descrição: *“Toquei 04 vezes azul e verde.”*

ANEXO 3 . MODELO DE DESCRIÇÃO TIPO E1.CP

As descrições de contingências que ocorreram na Sessão 2 do Experimento 2 que se relacionaram às contingências colaterais programadas da Sessão 1, podem ser exemplificadas com base na descrição do Participante 04:

- a) Fase de Linha de Base última descrição: *“Aperto a figura azul superior, aperto a cor vermelha se as letra do nome aparecerem com as letras: a, e, o, m; e, aperto verde se aparecer as letras: n, r, l, i.”*

ANEXO 4 . MODELO DE DESCRIÇÃO TIPO E1.CA

As descrições de contingências que ocorreram na Sessão 2 do Experimento 2, que se relacionaram às contingências colaterais programadas da Sessão 2, podem ser exemplificadas com base na descrição do Participante 04:

- a) Fase de Treino terceira descrição (43ª tentativa): “*Aperto a figura azul superior nas inferiores os nomes Amanda, Lúcia, Márcia, Renata aperto verde; e Nicolau, Igor, Otelo, Eduardo aperto vermelho.*”

ANEXO 5 . MODELO DE DESCRIÇÃO TIPO E1.RND

As descrições de contingências que ocorreram na Sessão 2 do Experimento 2 e quando não foi possível detectar a que contingências as descrições estavam relacionadas ou as descrições estavam relacionadas a contingências não envolvidas no presente

Experimento. Podem ser exemplificadas com base na descrição do Participante 04:

- a) Fase de Extinção terceira descrição (1ª tentativa): *“Fiz ao contrário os nomes que foram verde troquei para o vermelho.”*

CONTINGÊNCIAS PROGRAMADAS		
<i>Estímulo antecedente apresentado na figura azul</i>	<i>Resposta de tocar a figura de cor</i>	<i>Conseqüência programada</i>
<i>nicolau</i>	<i>VERMELHA</i> →	<i>CERTO e som semelhante a um Bip agudo</i>
<i>igor</i>		
<i>eduardo</i>		
<i>otelo</i>		
<i>lúcia</i>	<i>VERDE</i> →	<i>CERTO e som semelhante a um Bip agudo</i>
<i>renata</i>		
<i>amanda</i>		
<i>márcia</i>		
<i>Estímulo antecedente apresentado na figura azul</i>	<i>Resposta de tocar a figura de cor</i>	<i>Conseqüência programada</i>
<i>nicolau</i>	<i>VERDE</i> →	<i>ERRADO e som semelhante a um Bip grave</i>
<i>igor</i>		
<i>eduardo</i>		
<i>otelo</i>		
<i>lúcia</i>	<i>VERMELHA</i> →	<i>ERRADO e som semelhante a um Bip grave</i>
<i>renata</i>		
<i>amanda</i>		
<i>márcia</i>		

Figura 3. Contingências programadas nas fases do Experimento 1.

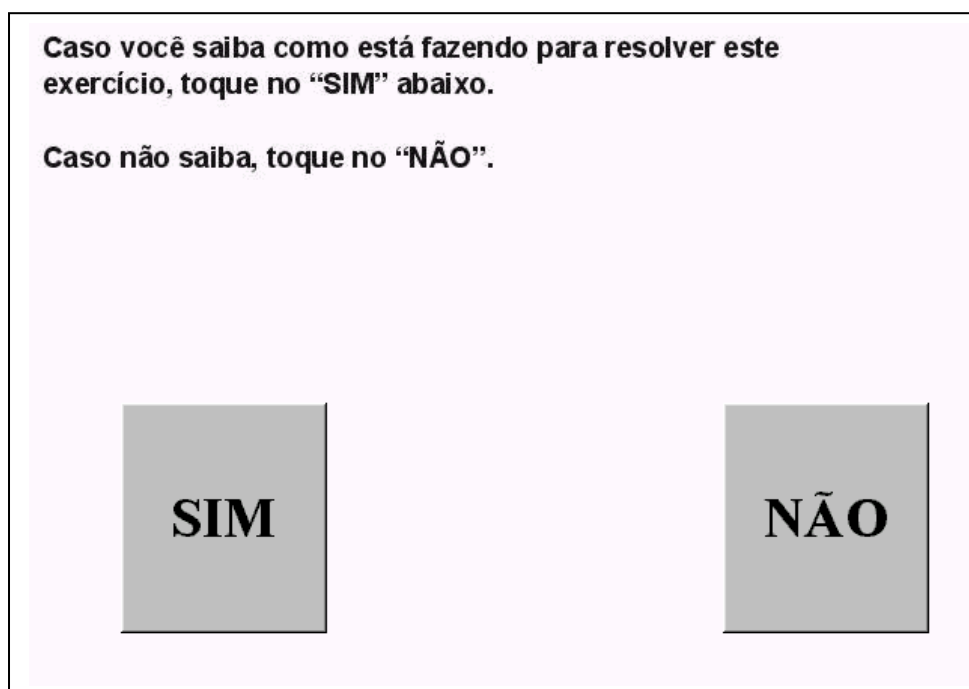


Figura 4. Configuração da tela que foi utilizada para obter as Respostas de Informação.

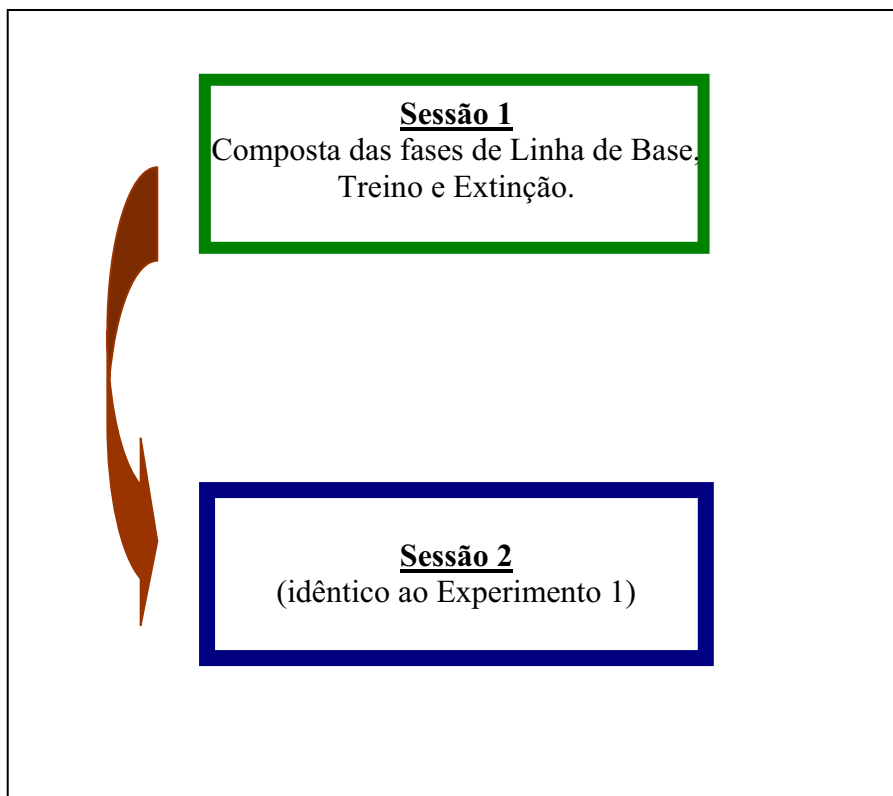


Figura 5. Esquema ilustrativo das sessões do Experimento 2.

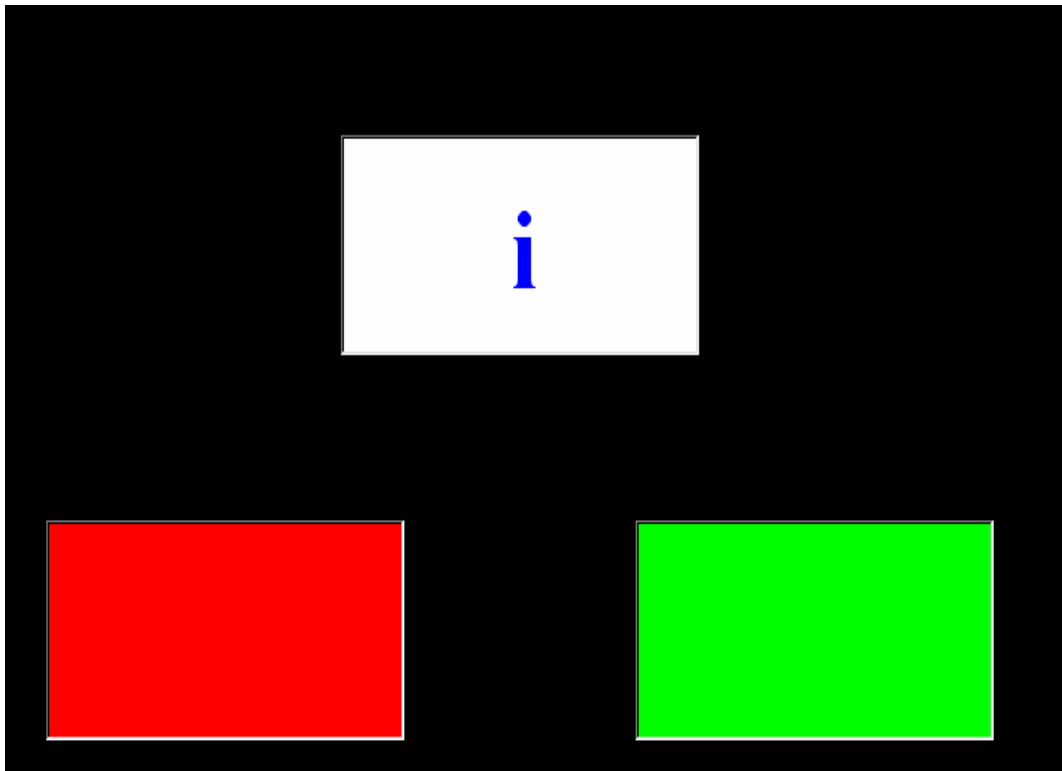


Figura 6. Situação experimental utilizada nas fases da Sessão 1 do Experimento 2.

CONTINGÊNCIAS PROGRAMADAS		
<i>Estímulo antecedente apresentado na figura azul</i>	<i>Resposta de tocar a figura de cor</i>	<i>Conseqüência programada</i>
<i>a</i>	<i>VERMELHO</i> →	<i>CERTO e som semelhante a um Bip agudo</i>
<i>e</i>		
<i>o</i>		
<i>m</i>		
<i>n</i>	<i>VERDE</i> →	<i>CERTO e som semelhante a um Bip agudo</i>
<i>l</i>		
<i>r</i>		
<i>i</i>		
<i>Estímulo antecedente apresentado na figura azul</i>	<i>Resposta de tocar a figura de cor</i>	<i>Conseqüência programada</i>
<i>a</i>	<i>VERDE</i> →	<i>ERRADO e som semelhante a um Bip grave</i>
<i>e</i>		
<i>o</i>		
<i>m</i>		
<i>n</i>	<i>VERMELHO</i> →	<i>ERRADO e som semelhante a um Bip grave</i>
<i>l</i>		
<i>r</i>		
<i>i</i>		

Figura 7. Contingências programadas para as fases da Sessão 1 do Experimento 2.

Espaço destinado ao tipo de instrução a tilizado no
experimento para solicitação da descrição

Tocando a tela do computador

**Terminações n, r, l, i combinam com verde e
terminações a, e, o, m com vermelho.**

**Vogais combinam com verde e
consoantes combinam com vermelho.**

**Vogais combinam com vermelho e
consoantes combinam com verde.**

Figura 8. Configuração da tela de solicitação da descrição adotada na Fase de Treino da Sessão 1, do Experimento 2.